

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

Luciano Matias Felipe

TEOLOGIA NEGRA NO BRASIL E SEU PAPEL: UMA REFLEXÃO POSSÍVEL?

SÃO PAULO
2023

Luciano Matias Felipe

TEOLOGIA NEGRA NO BRASIL E SEU PAPEL: UMA REFLEXÃO POSSÍVEL?

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo como exigência
parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. José Aguiar
Nobre

SÃO PAULO
2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, que me deu forças para vencer todas as dificuldades.

A minha querida mãe, Maria da Penha Matias Felipe, (Penha) que foi e é meu maior apoio e modelo de superação nos momentos de angústia. A minha irmã Lucia Paula, que me impulsionou todos os dias com palavras de apoio.

Ao meu pai Roberto Felipe (in memoriam), que infelizmente não pode estar presente neste momento tão importante da minha vida.

Por fim, dedico também esse trabalho ao meu cunhado Watson e a meus melhores amigos, Fabiana e Eustáquio, Luis e Leidinha, Vinícius, Pe. Tadeu e Pe. Silas, que estiveram ao meu lado durante esta longa caminhada.

AGRADECIMENTO

A Deus por ter me concedeu saúde e força para superar as dificuldades.

A esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

Ao meu Orientador, Prof. Dr. Pe. José Aguiar Nobre CSS, pelo suporte, pelas suas correções e incentivos.

A minha Congregação, Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, na pessoa do meu formador Pe. Gilberto Dias Nunes CSS, que possibilitaram os meios fundamentais para todo processo de minha formação acadêmica a qual permitiu a realização deste trabalho.

RESUMO

A partir da indagação e a possibilidade de refletirmos sobre a Teologia Negra no Brasil, esperamos ressaltar a sua importância e representatividade. Através da consciência do seu lugar de fala e da necessidade do encontro e do diálogo intercultural, ela poderá favorecer a construção de novos conhecimentos que visem o enfrentamento ao racismo estrutural reinante. Quiçá poderemos apontar caminhos para um melhor reconhecimento da pertença e valor do negro(a) para a sociedade. O presente trabalho parte da inquietação em abordar e aprofundar conceitos de um fenômeno religioso específico: a Teologia Negra no Brasil, conhecer melhor a sua origem, principais expoentes e como ela se dá no Brasil, levando em conta o papel do(a) negro(a) na mesma. Observaremos como o catolicismo se comporta nesse universo, a partir do Magistério do Papa Francisco ao colocar em prática o Concílio Vaticano II, sem teorizar sobre ele. Será uma pesquisa bibliográfica e, do ponto de vista formal indagamos: há uma Teologia Negra no Brasil com papéis definidos e se sim, como é possível forjar uma reflexão sobre ela? Os resultados esperados circunscrevem ao fato de entendermos se o(a) negro(a) se sentirá contemplado nesse processo para chegar a um lugar em pé de igualdade. Onde não há espaço para preconceito essa abertura deverá abraçar a todos, indistintamente. Destarte, a presente investigação proporcione uma leitura e inserção do negro(a) enquanto sujeito atuante e integrante com um lugar-comum de fala na Igreja, na sociedade e nas comunidades religiosas onde estão inseridos.

Palavras-chaves: Teologia Negra. Brasil. Racismo estrutural. Igreja.

ABSTRACT

From the question and the possibility of reflecting on Black Theology in Brazil, we hope to highlight its importance and representativeness. Through the awareness of its place of speech and the need for encounter and intercultural dialogue, it may favor the construction of new knowledge that aims to confront the reigning structural racism. Perhaps we will be able to point paths for a better recognition of belonging and the value of black people to society. The present work starts from the restlessness in approaching and deepening concepts of a specific religious phenomenon: Black Theology in Brazil, to better understand its origin, main exponents and how it occurs in Brazil, taking into account the role of Black people in it. We will observe how Catholicism behaves in this universe, starting from the Magisterium of Pope Francis in putting into practice the Second Vatican Council, without theorizing about it. This will be a bibliographical research and, from the formal point of view, we will ask: is there a Black Theology in Brazil with defined roles and if so, how is it possible to forge a reflection about it? The expected results circumscribe to the fact that we will understand if the black person will feel contemplated in this process to reach an equal place. Where there is no room for prejudice, this openness should embrace everyone, indistinctively. Thus, the present investigation provides a reading and insertion of the Black as an active and integral subject with a common place of speech in the Church, in society, and in the religious communities where they are inserted.

Keywords: Black Theology. Brazil. Structural racism. Church.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2 – TEOLOGIAS OU TEOLOGIA, CONCEITOS	12
2.1. Definição do termo Teologia e suas possíveis variações	12
2.2. O ato de conceituar	13
2.2.1 Conceito do termo Teologia	13
2.2.2. Definição do termo Teologia e suas variações	13
2.2.3. Sentido amplo do termo teologia	13
2.2.4. Sentido estrito da teologia	14
2.2.5. Sentido objetivo da teologia	14
2.2.6. Sentido subjetivo da teologia	15
3. Conceito de Teologias Africanas	15
3.1. Teologia Africana	15
3.2. Teologia Afro-americana	16
3.3. Diferenças e semelhanças entre Teologia Africana e Teologia Afro-americana	16
3.3.1. Semelhanças	16
3.3.2. Diferenças	16
4. Teologia Negra	16
4.1.1 Conceito de Teologia Negra (da libertação)	17
5. Porque usar o termo “Teologia Negra?”	19
Conclusão	24
3. HISTÓRIA DA TEOLOGIA NEGRA E COMO ELA SE DEU NO BRASIL.	27
3.1. Trajetória histórica da Teologia Negra	28
3.2. A teologia Negra a partir de James Cone	32
3.3. A chegada da Teologia Negra no Brasil.....	33
3.4. Como se desenvolveu a Teologia Negra no Brasil	35
3.5. Desdobramento da Teologia Negra da Libertação no Brasil.	46
Conclusão	47
4.IMPÁCTO DA TEOLOGIA NEGRA NO BRASIL E NA VIDA DO NEGRO(A) BRASILEIRO.....	48
4.1. Traços e elementos da presença de uma Teologia Negra no Brasil.....	49

4.2.Existe algum impacto da Teologia Negra na vida dos negros(as) brasileiros?	58
4.3. O papel do negro da negra no Brasil por meio de seu engajamento na luta pela emnicipação Teológica.	65
4.4. Algumas personalidades que se destacam ou destacaram na disseminação de uma Teologia Negra no Brasil.....	68
CONCLUSÃO	72
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
6.REFERÊNCIAS	78

1. INTRODUÇÃO

A Teologia Negra, como veremos no decorrer dos capítulos que estruturam o presente trabalho, é uma teologia cristã sistematizada a partir da segunda metade do século XX, situando-se em contextos e regiões diversos, como nos Estados Unidos, na América Latina, no Caribe e na África, elaborada a partir da experiência afrodiáspórica nas Américas e no contexto de protesto contra o domínio colonial branco na África.

Orientada pelos princípios de Libertação e Justiça, esta perspectiva teológica empreende um discurso religioso a partir de uma hermenêutica da mensagem cristã dialeticamente relacionada com a situação histórico-cultural da qual faz parte, objetivando uma transformação concreta na realidade histórica, ao compreender a revelação bíblica como a intervenção divina na história para a libertação dos oprimidos (ANDRADE, 2020).

O presente trabalho procura abordar a vida do(a) negro(a) na sociedade contemporânea, sua relação com a Teologia, cultura, bem como os desafios de se autoperceber no universo cultural brasileiro. A reflexão teológica abordada tem como base a realidade do povo negro compreendido na pluralidade religiosa que nos desafia a pensar essa experiência de fé no contexto brasileiro. Com o Concílio Vaticano II colocado em prática no Magistério do Papa Francisco, a proposta de Igreja em saída, presente em nosso continente, “assume de forma concreta, a causa dos excluídos e empobrecidos, reconhecendo desde Puebla (o Vaticano II da América Latina) as feições sofredoras do Cristo nas feições sofredoras dos afrodescendentes e dos indígenas” (DAp, n. 34)

Para compreendermos a Teologia Negra no Brasil, se faz necessário uma compreensão do quadro social que serve de pano de fundo para a formulação dessa reflexão. Espera-se que, com isso, possamos apontar a importância da representatividade negra nos espaços da sociedade, através da consciência do seu lugar de fala e da necessidade do encontro e do diálogo intercultural na construção de novos conhecimentos que visem o enfrentamento ao racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), apontando caminhos para um melhor reconhecimento de pertença e do valor do negro(a) para a sociedade.

Argumentamos que, por se tratar de uma pesquisa a partir da reflexão teológica, do ponto de vista formal indagamos: há uma Teologia Negra no Brasil com papéis definidos e se sim, como é possível forjar uma reflexão sobre ela?

Em consequência disso, indagamos sobre os desafios para que se efetive uma melhor formação para o respeito aos negros de modo que os negros(as) saibam se autoperceberem como negros e se valorizarem cada vez mais, evidenciando as suas riquezas que estão distribuídas na cultura brasileira.

Nesse contexto, entendemos que se torna fundamental, uma perspectiva cristã, em meio a uma cultura hegemônica que se arrasta até os dias atuais, cabe-nos ainda algumas perguntas: qual o protagonismo da pessoa negra no catolicismo? Podemos ver e celebrar claramente uma Teologia Negra? Entendemos que o ponto de partida para se responder a essa pergunta vem do Concílio Vaticano II (1962 – 1965), considerado marco de uma abertura teológica da Igreja para o mundo. As recepções de suas orientações foram essenciais para o fortalecimento da Teologia da Libertação e formação de grupos eclesiais engajados na luta contra as injustiças sociais a partir do dado da fé.

Dessa forma, o presente trabalho vai de encontro à inquietação de abordar e aprofundar os conceitos de um fenômeno religioso específico: a Teologia Negra no Brasil. Para tal, objetivamente, buscaremos conhecer melhor a sua origem, seus principais expoentes e como ela se dá no Brasil, levando em conta o papel do negro(a) na mesma.

A presente investigação será de revisão bibliográfica, procurando familiaridade com o tema pesquisado para se chegar a uma análise crítico-descritiva do objeto de estudo a saber: a Teologia Negra no Brasil. Para o método pesquisa bibliográfica, faremos levantamento de informações a partir de livros, artigos científicos e outros materiais bibliográficos. Faremos leitura e fichamentos de partes de textos de James Cone, Ronilso Pacheco, Antônio Aparecido e de outros, Encíclica Fratelli Tutti (Capítulo I;II;VII;VIII), além do uso das Sagradas Escrituras e documentos da Igreja Católica, os quais estejam em consonância com o papel do negro(a) e da Teologia Negra que proponha a busca de uma formação humana integral.

De modo que, o desenvolvimento do trabalho possibilite a percepção de como se dá o envolvimento do negro(a) na Teologia, fomentando de modo particular, a Teologia Negra inserida no catolicismo brasileiro.

Os resultados esperados circunscrevem-se ao processo desafiado de fazer como negro, posso perceber os valores, a riqueza da cultura, dando-lhe contribuições. Em diálogo com autores clássicos, especialmente, nesse caso, Papa Francisco, Cone, Pe. Antônio e Ronilso, indubitavelmente seremos capazes de compreender mais profundamente os desafios para o negro(a) imerso na cultura brasileira, bem como a relevância da Teologia Negra na autopercepção em cuja formação humana integral se

busca. Ela deverá ser um dos caminhos relevantes capazes de proporcionar sempre mais uma visão crítica ao negro(a) hodierno, ao lhe apontar pistas de ações e opções de uma inculturação que dialogue com a cultura afro e vá sempre mais ao seu encontro.

O trabalho está estruturado em três capítulos, no primeiro capítulo será abordado as Teologias ou teologia e conceitos, trabalhando definição do termo teologia e suas possíveis variações, e porque usar o termo “Teologia Negra”.

No segundo capítulo a proposta é fazer um resgate da História da Teologia Negra e como ela se deu no Brasil. Fazer uma trajetória da Teologia Negra até sua chegada no Brasil bem como seu desenvolvimento em terras brasileiras.

Terminaremos no terceiro capítulo abordando qual impacto da Teologia Negra no Brasil e na vida do negro(a) brasileiro, apontando traços e elementos da presença de uma Teologia Negra no Brasil. E se existe algum impacto da Teologia Negra na vida dos negros(as) brasileiros que possa ser identificado seu papel e engajamento na luta que o leve a uma emancipação teológica. Por fim, apontar algumas personalidades que se destacaram e destacam na disseminação de uma Teologia Negra no Brasil.

2. TEOLOGIAS OU TEOLOGIA, CONCEITOS

2.1. Definição do termo Teologia e suas possíveis variações

Neste primeiro capítulo será apresentado os pressupostos considerados orientadores para o desenvolvimento deste trabalho, como os sentidos do termo teologia, seu objeto e suas fontes. Abordará também os conceitos de Teologia Africana, Teologia Afro-americana e Teologia Negra.

Assim como na história de teologia tradicional¹ não se tem registro da Teologia Negra propriamente dita, é indispensável a tarefa de definir o conceito desta nova visão do cristianismo para quem quer estudá-la profundamente. Mas, para isso é necessário, antes de tudo, esboçar pressupostos para uma conceituação destas teologias.

Entendemos que a Teologia nasce no deserto, ou seja, esta elaboração sobre a Bíblia, este estudo crítico e argumentação sobre Deus e seus feitos, sobre Jesus de Nazaré e a mensagem do evangelho. Ela nasce com o povo que caminhava no deserto, e como tal, muito da teologia, em especial as teologias reconhecidas como “de libertação”, reconhecem o Êxodo como ponto de partida, no qual a mensagem de libertação, assume em seu contexto Deus, que intervêm na condição de escravidão e exploração do povo Hebreu no Egito apontando “Moisés como líder e profeta que vai à frente do seu povo, conduzindo para a fuga, a saída, a libertação do cativo” (PACHECO, 2019).

Pode-se dizer que o termo teologia significa estudo ou reflexão de Deus, ou estudo a respeito da revelação de Deus nas Sagradas Escrituras, Cone vai ressignificar o termo a partir de uma compreensão de que o conteúdo da Teologia Negra não é preponderantemente Deus em si e como Ele se auto revela, mas sim, o que Deus fez. Para Cone a teologia é vista como uma disciplina a qual tem como objetivo a análise do conteúdo da fé cristã a luz da libertação. Ao olhar para o Antigo Testamento identificando na libertação do povo de Israel da terra do Egito um novo marco da ação de Deus numa libertação dos oprimidos de uma escravidão humana (CONE, 1986).

Em qualquer trabalho acadêmico, define-se primeiro o conceito, como são os casos da Teologia(s), as suas variações e da Teologia Negra, visto que isso clarifica o assunto em estudo. É este o primeiro passo a ser feito logo no início de um campo de estudo: definir o objeto em discussão.

¹ Teologia Tradicional entendida aqui como uma tradição específica, geralmente a cristã.

Por pressupostos entendemos, aqui, o plano necessário que deve ser executado dentro do esquema do trabalho, antes da discussão do próprio tema. Eles vão servir de guia para o desenvolvimento deste material. Constituem pontos desses pressupostos, o ato de conceituar, trazer o conceito do termo teologia em seus quatro sentidos, o objeto e as fontes da teologia e, por fim, a Teologia Negra em contexto.

2.2.O ato de conceituar.

Conceituar algo é um primeiro passo indispensável para compreendê-lo, dessa forma, “o conceito é uma representação de um objeto pelo pensamento, mediante suas características gerais, e ação de formular uma ideia mediante a palavra”. (FERREIRA, 1999, p. 518).

2.2.1 Conceito do termo Teologia

2.2.2. Definição do termo Teologia e suas possíveis variações

Falou-se acima que, para se compreender algo, o primeiro passo indispensável é conceituá-lo. Por isso, é preciso definir o termo teologia em seus quatro sentidos: amplo, estrito, objetivo e subjetivo (LATOURELLE, 2006).

2.2.3. Sentido amplo do termo teologia:

Para Jean-Yves Lacoste, a teologia é discurso pré-cristão. Ele aparece primeiramente em Platão. Mais tarde, o termo é associado por Clemente da Alexandria, no Egito, ao discurso cristão. Mas, foi com Eusébio de Cesaréia e com o triunfo do cristianismo contra o paganismo que o termo se tornou cristão (LACOSTE, 2004, p.1707).

Tornado cristão, o termo teologia define-se pela confissão de fé cristã, e pode ainda servir para designar as Escrituras cristãs.

George Cottier, afirma ser a teologia o conhecimento místico. E, a seguir, refere-se a Santo Agostinho, que entende por teologia o conhecimento de Deus e o modo de falar dele, conforme os dois sentidos de logos, “razão” e “discurso” sobre a divindade (COTTIER, 2003, p.49).

Com Pedro Abelardo (1079-1142) o termo receberá um sentido preciso, com sua Teologia Cristã (1122-1127), que anuncia a teologia científica da escolástica. Entretanto, Tomás de Aquino usará, por muito tempo, o termo “*sacra doctrina*”, para indicar teologia.

2.2.4. Sentido estrito da teologia:

Para René Latourelle, teologia estritamente dita “é a ciência de Deus, que parte da revelação, através da qual o Deus vivo se dá a conhecer ao ser humano e o pode introduzir num conhecimento mais profundo de seu mistério”. (LATOURELLE, 1981, p. 16). Quer dizer, Deus se autocomunica livremente ao ser humano, e esta autocomunicação divina é captada mediante a reflexão na fé, razão pela qual se pode dizer que a teologia é a ciência de Deus pela fé.

A teologia é inteligência que brota da fé; é a ciência vivida por um espírito que pensa, reflete e medita e, cientificamente, elabora. É a fé em estado de ciência. Para Santo Anselmo, a teologia é a fé aplicada à inteligência do seu objeto, *fides quaerens intellectum*, (LATOURELLE, 1981, p.16).

Quer dizer, a teologia é a fé assumindo o discurso da razão para melhor compreender seu objeto. Para isso, é preciso primeiro acreditar, para depois se esforçar por compreender aquilo em que mediante a fé se apreende que é, ao mesmo tempo, uma penetração de todo o próprio mundo que pode ser compreendido (inteligível).

Latourelle afirma que a teologia representa um esforço constante da Igreja ao permanecer em contato com o mundo, com os seus problemas, as suas dúvidas e os seus projetos. Constitui a teologia uma permuta contínua entre a fé e a razão, o mundo e Deus, o profano e o sagrado. Confronta a fé com os problemas novos que a humanidade enfrenta.

Enfim, “a teologia é a razão pela qual ela deve viver na meditação incessante da palavra de Deus, a fim de aprender-lhe os pontos de inserção no mundo hodierno” (LATOURELLE, 1981, p.18).

2.2.5. Sentido objetivo da teologia:

De acordo com Latourelle a teologia é a ciência que tem por objeto Deus, o qual pode ser conhecido mediante três formas: “a que se obtém por reflexão sobre o mundo criado”. Nesta, Deus é conhecido como princípio, causa e fim do universo. Neste sentido, o ser humano, graças à luz natural da razão, eleva-se ao conhecimento de Deus pelas criaturas. ” (LATOURELLE, 1981, p.14).

A segunda, se dá por meio da palavra e o testemunho de Deus sobre si mesmo, e pela razão esclarecida pela fé. Aqui, o ser humano conhece os mistérios da vida íntima de Deus através da palavra. Assim, a divina verdade, que transcende os limites da

inteligência humana, desce a ele na revelação. Aqui, a iniciativa da revelação ao ser humano é de Deus.

A teologia da pátria ou do conhecimento dos eleitos conhece a Deus em sua essência e pela luz da glória. Destarte, o ser humano encontra o Mistério a ser descoberto, na face a face da visão. Assim, o espírito será elevado a ver perfeitamente o que lhe reserva. Enfim, “o ser humano é elevado, pela luz da glória, à visão mesma de Deus, a terceira forma” (LATOURELLE, 1981, p.15).

2.2.6. Sentido subjetivo da teologia:

A teologia é o conhecimento que Deus possui de si mesmo e do universo criado. Esse conhecimento, segundo Latourelle, comunica-o com Deus, por graça, aos seres humanos. (LATOURELLE, 1981, p.11). Mediante a fé opera-se o encontro com Deus que se revela ao ser humano enquanto receptor. “Neste encontro, ao revelar-se ao ser humano, Deus o faz proporcionalmente à condição humana de ser espaço-temporal, individual e social, composto de corpo e espírito” (LATOURELLE, 1981, p.11-12).

3. Conceito de “Teologias Africanas”

Como conceito de Teologia Africana, Teologia Afro-americana caribenha e Teologia Negra, pretende-se trazer a luz as características gerais dessas correntes de pensamento teológico concebido por teólogos negros da África e da América e do Caribe.

3.1. Teologia Africana

Há várias definições da Teologia Africana de autoria individual, mas quase todas convergem nesta definição:

A Teologia Africana entendida como uma teologia baseada na fé bíblica e que fala à ‘alma’ africana (...). Ela se expressa em categorias de pensamento que provém da filosofia e da visão do mundo das populações africanas (WILMORE; CONE, 1986, p.368).

Para James H. CONE:

falar sobre a Teologia Africana implica formular claramente uma atitude cristã diante das outras religiões. Deve-se ressaltar que a ênfase é basicamente na teologia cristã, que poderia ser expressa mediante o pensamento e a cultura africanas (WILMORE; CONE, 1986, p.368).

3.2. Teologia Afro-americana

Aqui vale ressaltar um fato importante antes de conceituar a Teologia Afro-americana. É sabido que na história da teologia tradicional escrita não se tem registro da Teologia Afro-americana, porque ela é uma nova corrente teológica desenvolvida por afrodescendentes, na América do Sul, América Central e no Caribe (SILVA, 1998, p.5).

Segundo Silva, essa reflexão teológica, deve ser vista em parte, como fruto da própria caminhada afro-americana, pois “o caminho percorrido pelas comunidades negras nestes últimos anos produziu reflexões que se expressam profundas sensibilidades teológicas” (SILVA, 1998, p.9-10).

Por Teologia Afro-americana o autor entende ser a reflexão teológica elaborada por teólogos e teólogas cristãos(as) afro-americanos e caribenhos, “na qual se procura integrar valores culturais de matriz africana como tentativa de inculturar a mensagem cristã no coração destas populações” (SILVA, 1998, p.68-70).

3.3. Diferenças e semelhanças entre Teologia Africana e Teologia Afro-americana

3.3.1. Semelhanças

Unidade em vínculos invisíveis, unidade histórica, fontes, definição, tarefas, desafios, indignação-perdão, compromisso pastoral e político. Importa dizer que, embora haja semelhanças, ambas teologias em questão - no campo de tarefas e desafios - têm algo que as diferenciam.

3.3.2. Diferenças:

Entenda-se, aqui, por diferenças as características provindas das situações vividas pelas pessoas que elaboram a Teologia Africana e a Teologia Afro-americana, as quais influenciam profundamente a sua vida e seu labor teológico. Essas diferenças estão relacionadas aos contextos africano, americano e caribenho, como racismo na América, conflitos tribais e empobrecimento na África.

4. Teologia Negra

A Teologia Negra não pode ser confundida com a Teologia da Libertação e nem com a Teologia Africana, embora coexistam ideias semelhantes. Por que isso? Wilmore e Cone, ao falar do teólogo Mbiti, afirmam que “a Teologia Negra não pode tornar-se Teologia Africana, nem o quer”. Continuam em suas constatações: “esta, Teologia

Africana surge da nossa alegria e da experiência da religião cristã, enquanto a Teologia Negra surge do sofrimento da opressão” (WILMORE; CONE, 1986, p.382).

Ela é também uma “teologia cristã sistematizada a partir da segunda metade do século XX, situada em regiões e contextos diversos, como nos EUA, na América Latina e no contexto de protesto contra o domínio colonial na África” (ANDRADE, 2020, p.8), e produz uma interpretação teológica a partir da realidade do povo negro, em detrimento de uma concepção ocidental universal.

O entendimento mais comum é que a Teologia Negra surge no fim da década de 1960, tendo como marco a publicação, em 1969, do primeiro livro do teólogo negro estadunidense James Cone (1936-2018), *The Black Theology and Black Power - A Teologia Negra e o Poder Negro*. “A obra de Cone se apresenta como uma tentativa de sistematização da Teologia Negra. Contudo, ela consiste no acúmulo de toda uma produção anterior sobre a temática” (PACHECO, 2019, p. 56).

A despeito de o marco fundante daquilo que se conhece como Teologia Negra ser a produção literária de James Cone, asseveramos que a referida abordagem teológica é a materialização de todo um fazer teológico desenvolvido desde a escravidão, de maneira concomitante a todo um processo histórico de ser negro em uma sociedade racista. “Redunda-se, assim, em uma instituição que é anterior a Cone, e da qual, diga-se de passagem, ele era integrante e porta-voz, que é a igreja negra americana” (SILVA, 2019, p.61).

4.1. Conceitos de Teologia Negra (da Libertação²)

Cone afirma sobre a Teologia Negra:

A Teologia Negra é uma teologia da libertação negra. Ela procura sondar a condição negra à luz da revelação de Deus em Jesus Cristo, de modo que a comunidade negra possa ver que o Evangelho é coincidente com a realização da humanidade negra. A Teologia Negra é teologia da “negritude”. É a afirmação de humanidade negra que emancipa os negros do racismo branco, proporcionando assim autêntica liberdade, tanto para as pessoas brancas como para as pessoas negras. Ela afirma a humanidade dos brancos, visto que não diz não à usurpação da opressão branca (CONE, 1986, p. 123).

² Nem sempre se vê o termo com o complemento “da Libertação” pois, esta terminação é ligada a teologia latino-americana, que possui outro aporte teórico. A nomenclatura “Teologia Negra” ou “Teologia Negra da Libertação” é a mais conhecida, atrelada a reflexão teológica negra dos EUA. (OLIVEIRA, 2021, p. 69).

Em seu livro “Teologia Negra”, James H. Cone diz o seguinte:

A Teologia Cristã é a Teologia da Libertação. Trata-se de um estudo racional relacionado ao ser de Deus no mundo sob a luz da condição existencial de uma comunidade oprimida, relacionando as forças da libertação à essência do evangelho que é Jesus Cristo. Isto significa que a única razão para a sua existência é decodificar o significado da atividade de Deus no mundo, de forma que a comunidade das pessoas oprimidas reconheça que seu impulso interior para a libertação não só está de acordo com o evangelho, como é o evangelho de Jesus Cristo (CONE, 2020, p.61).

Rosino Gibellini assim define a Teologia Negra:

A Teologia Negra (Black Theology) não é uma Teologia Africana, e sim a teologia dos negros que vivem em estado de segregação e em situações de marginalização numa sociedade racista branca. Esta é a realidade da cultura negra e das igrejas negras nos Estados Unidos da América [...]. A Teologia Negra está, assim, relacionada com a experiência desumana do racismo (GIBELLINI, 2002, p. 383).

Para Caldeira Teologia Negra é:

(...) uma autêntica Teologia da Libertação Negra, que, sendo fulcral para o seu nascimento, a “afirmação da humanidade negra e a emancipação do racismo branco”, o povo se apropria do Evangelho como resistência (CALDEIRA, 2029, p.992).

Já Pacheco vê a Teologia Negra como:

Um sopro antirracista do Espírito, o “desconforto na consciência da sociedade ocidental que se recusa a reconhecer os legados nocivos e injustos de seu passado escravocrata e colonizador”, reafirmando o pensamento de Cone ao conceituar a Teologia Negra como teologia da negritude (PACHECO, 2019, p. 54).

A pastora Eliad Santos compreende que a Teologia Negra “é a forma que a comunidade negra encontrou para sobreviver na igreja cristã”, pois, quando se compreende que o mundo dominado pelo colonialismo emite um deus opressor, foi preciso “acreditar que o libertador se parece conosco para que continuemos cristãos”.

5. Porque usar o termo “Teologia Negra”?

Para entender tal nomenclatura, só é possível ao vincular a Teologia Negra às problemáticas de um determinado contexto histórico, abordando o problema da colonização, o racismo (estrutural)³ e o eurocentrismo⁴, como veremos nos comentários de alguns teólogos(as) a seguir.

O acréscimo do adjetivo “negra” a teologia foi uma forma de ressignificar a teologia, que até então, era excludente e preconceituosa, para incluir aqueles e aquelas marginalizados e oprimidos, a tal ponto que a Teologia Negra não é uma categoria universalizante. “A Teologia Negra quer concentrar atenção às minorias (homens negros, mulheres negras, religiões de matriz africana). Outro motivo é para diferenciá-la das demais teologias, inclusive das teologias negras (africana, afro-americana)” (PACHECO, 2019, p. 78).

Isso visto, a Teologia Negra não é meramente uma Teologia Africana, mas é fruto do encontro entre os escravos africanos, em terras americanas, e o discurso salvífico da igreja branca. É uma teologia que emerge da hermenêutica dos marginalizados, os que tiveram os seus elementos identitários (divindades, cultura, humanidade) vilipendiados por um sistema opressor que apresentou paradoxalmente uma mensagem de um Deus amoroso.

É isto que está no cerne da Teologia Negra, uma teologia que, levando em conta a experiência africana e afro diaspórica, dialoga com os processos de resistência, proporcionando esperança, mas, ao mesmo tempo, resistência.

Como pode haver uma Teologia Negra então? Passadas 60 décadas de suas primeiras formulações teológicas, diversos autores de múltiplas localidades geográficas e campos do saber, além de provincializarem a Europa e a sua produção de conhecimento, demonstraram não mais ser possível problematizar a existência da Teologia Negra na atualidade como afirma Silva:

³ Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural (ALMEIDA, 2019).

⁴ Eurocentrismo corresponde a uma expressão que emite a ideia no mundo como um todo de que a Europa e seus elementos culturais são referência no contexto de composição de toda sociedade moderna. De acordo com diversos estudiosos e analistas essa perspectiva se mostra como uma doutrina que toma a cultura europeia como a pioneira da história, dessa forma enquadra-se como uma referência mundial para todas as nações, como se apenas a cultura europeia fosse útil e verdadeira. Eurocentrismo - Mundo Educação (uol.com.br).

Nos anos 70, James Cone mostrou que era não só legítimo, mas necessário e oportuno refletir na teologia em chave de negritude e vice-versa. Hoje, na África e na diáspora, não há dúvida quanto à legitimidade e necessidade da Teologia Negra (SILVA, 1998, p. 5).

Pois, queiramos ou não, ela, a Teologia Negra, é real. Conforme Tutu (2012), a pergunta pela possibilidade da Teologia Negra é um mero pretexto para esconder a existência de uma ideologia⁵ teológica branca, universalizante, opressora, hegemônica, etnocentrista e, portanto, racista etc.

É neste sentido que apontamos a “teologia clássica” como uma ideológica teologia branca na qual esconde/máscara todo etnocentrismo contido nela, de maneira a perpetuar as práticas opressivas da sociedade.

Pacheco afirma que a discussão sobre uma Teologia Negra só faz sentido quando nela encontramos o reconhecimento de que as sociedades colonizadas foram submetidas às imposições eurocêntricas, na medida em que o racismo estrutural e o regime escravocrata ainda vigente em tempos hodiernos, foram mecanismos utilizados como forma de determinação das relações sociais, políticas, econômicas e religiosas.

Num mundo em que a religião ainda é senhora e dá as cartas (mesmo quando o pensamento ilustrado ocidental se vê lutando contra a ingerência da Igreja), colonialismo, racismo, imperialismo e capitalismo não viveriam sem uma alma, e sua alma é o cristianismo ocidental e sua Teologia. A modernidade traz consigo o cristianismo para legitimar teologicamente tanto a colonização quanto a escravidão (PACHECO, 2019, p. 51).

Por isso, o autor entende que “sem a compreensão de como o mundo é ‘racializado’ a partir da Europa, a Teologia Negra perde seu pano de fundo” (PACHECO, 2019, p. 17).

Outro motivo por se usar o termo Teologia Negra, segundo a definição de Antônio Aparecido (Pe. Toninho): “ela é uma nova expressão surgida na reflexão teológica a partir da realidade afro-americana. Ela é a reflexão crítica dos cristãos negros sobre o seu envolvimento histórico na luta pela libertação dos negros” (SILVA, 1997, p.49-72).

⁵ Marilena Chauí no seu livro “o que é ideologia?” define ideologia como sendo um mascaramento da realidade social que permite a legitimação da exploração e da dominação. Por intermédio dela tomamos o falso por verdadeiro, o injusto por justo (CHAUI, Marilena de Souza. O que é Ideologia, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980, p.115).

Já para o teólogo J. dos Santo Boaventura, em seu artigo “O pensar teológico numa perspectiva afro-americana e caribenha” (2012), afirma que “falar de Teologia Negra, se faz jus pois ela também aborda o tema do racismo, negligenciado pela teologia europeia, um dos principais motivos do surgimento de uma Teologia Negra” (BOAVENTURA, 2012, p.138). Ele destaca nesse processo a importância do Concílio Vaticano II e das Conferências latino-americanas de Medellín (1968) e Puebla (1979) (BOAVENTURA, 2012, p. 140).

No artigo “Por uma Teologia Negra no Brasil”, o teólogo Leonito Faria dos Santos, justifica uma Teologia Negra no Brasil ao recorrer à história, ao traçar um retrospecto do racismo, onde apresenta pressupostos básicos que justificam a existência dessa perspectiva teológica (SOUZA, 2014).

Souza identifica a continuidade do racismo na estrutura da sociedade brasileira que se dá em vários momentos, seja na legitimação do racismo via a ciência no pós-abolição, seja no discurso da modernidade e no “mito da democracia racial”⁶ durante o Estado Novo e sua persistência durante o período de ditadura civil-militar, que perdura até o tempo hodierno (SOUZA, 2014).

Pacheco caracteriza a Teologia Negra no Brasil como uma teologia decolonial por estar inserida nesse conjunto de “reações” com leituras feitas a partir da margem, descentralizando a narrativa, considerando que “as fronteiras não são somente um espaço onde as diferenças são inventadas, são também locus enunciativo de onde são formulados conhecimentos a partir das perspectivas, cosmovisões ou experiências dos sujeitos subalternos” (PACHECO, 2017, p. 238).

Diante do que abordamos até aqui, compreendemos que usar o termo “Teologia Negra”, em seus diversos contextos e guardada suas particularidades, justifica-se pelo fato de caracterizar-se enquanto uma teologia que emerge da experiência histórica do povo negro, que está na margem dos poderes político, econômico e epistemológico hegemônicos, sobretudo vitimado pelo racismo estrutural, condição que se torna determinante para a particularidade e originalidade de sua perspectiva teológica.

⁶ Democracia racial é um conceito que nega a existência do racismo no Brasil. É tratada como mito e ideologia por buscar exprimir a vigência de uma suposta democracia plena que se estenderia às pessoas de todas as raças, a despeito das desigualdades motivadas pelo racismo no país e por estruturas racistas culturais, sociais e políticas que privilegiam brasileiros brancos. Em resumo, seria uma realidade na qual todos teriam igualdade nas diferentes esferas da sociedade, independentemente de cor ou etnia. Leia mais em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/como-o-mito-da-democracia-racial-perpetua-o-racismo-no-brasil/>

Em suma, a Teologia Negra no seu fazer teológico defende a necessidade de uma hermenêutica teológica que emerge da experiência histórica dos negros, articulando na sua constituição correlacional a leitura dos textos bíblicos e da tradição teológica com a situação histórico-cultural hodierna, nesse caso, com uma sociedade historicamente marcada pelo problema do racismo (ANDRADE, 2019).

A partir de leituras prévias de textos teológicos negros, podemos concluir que usar o termo “Teologia Negra”, vai além de uma mera mudança de nomenclatura. Ela é uma teologia cristã sistematizada a partir da segunda metade do século XX, situando-se em contextos diversos e regiões diversas, como ocorrido nos EUA, na América Latina, Caribe e na África.

Ela foi elaborada a partir da experiência afrodiaspórica nas Américas num contexto de protesto contra o domínio colonial branco na África, que de certa forma perdura até os tempos hodiernos em uma forma facetada.

Para entendermos de maneira mais clara o uso do termo “Teologia Negra”, precisamos ter uma compreensão melhor de sua origem e propósito, os quais estão centrados nos princípios de “libertação e justiça”, de modo que esta perspectiva teológica empreende um discurso religioso a partir de uma hermenêutica da mensagem cristã numa dialética que vai ao encontro com a situação histórico-cultural da qual também faz parte. Procura a partir disso uma transformação concreta na realidade histórica, ao entender a revelação bíblica como a intervenção divina na história para a libertação dos oprimidos.

Essa teologia é formulada por sujeitos subalternizados em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural e por heranças culturais e sociais da colonização e da escravidão, que tem como característica teológica o engajamento contra os “poderes opressores” hora identificados nas hegemonias política e econômica de cunho europeu.

É importante salientar que no Brasil a partir dos anos 1970 observamos uma série de eventos que vão contribuir para constituir uma Teologia Negra, onde vê-se uma crescente reflexão sobre o problema do racismo e sua relação com a religião.

Com a recepção do Concílio Vaticano II (1962-1965), vemos emergir reflexões sobre uma Teologia Negra, e um exemplo é observado nesse trecho:

(...) é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado a cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as

suas esperanças e aspirações, e o seu caráter tantas vezes dramático (GAUDIUM ET SPES, 2011, p. 9).

Nessa esteira outros eventos que serão importantes para se falar de uma Teologia Negra, destaca-se a Conferência de Puebla (1979), que embora não tenha obtido o efeito esperado sobre as reivindicações da comunidade negra do Brasil, mesmo assim, segundo o Teólogo Antônio A. da Silva, a rápida menção do documento na III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Puebla faz aos negros “como os mais pobres dentre os pobres, incentiva e legitima a militância negra em âmbito pastoral, de onde emerge uma hermenêutica teológica (SILVA, 1997, p.58-50).

Nesse contexto, é organizado, no Brasil, em 1978, o Grupo de União e Consciência Negra, formado por lideranças negras leigas, religiosas e por padres católicos (SANTOS, 2017, p. 222) e que “teve como princípio estar vinculado diretamente com a preparação à Conferência de Puebla” (SILVA, 2014, p. 40).

Na década de 1980, os Agentes de Pastoral Negros, que se notabilizam pela organização da militância negra pastoral, onde produziram “uma densa reflexão que emerge desta prática eclesial, ecumênica, promotora do diálogo religioso” (SILVA, 1997, p. 60), criando um espaço de afirmação identitária negra no âmbito da Igreja Católica, implicando numa hermenêutica bíblica e um fazer religioso em que se afirmam a cultura negra:

Os Agentes de Pastoral Negros passaram a atuar nas comunidades a partir de uma compreensão teológica em que os empobrecidos, oprimidos e marginalizados foram tornando-se sujeitos do processo histórico. Essa condição de sujeito histórico fez crescer o desejo de participação na vida eclesial e recriou formas de atuação. Em outras palavras, tornou a Igreja, em determinadas realidades, mais viva, mais alegre e mais festiva. Propiciou um encontro com um Deus que se fez um com o povo negro. Tal percepção ficou evidenciada nos 62 cantos e na dança, nos quais a presença negra passou a ser percebida, e um Deus próximo ao negro passou a ser revelado (ROCHA, 2010, p. 215).

Outro fato marcante foi o ocorrido em 1981, a missa celebrada em Recife conhecida como a Missa dos Quilombos, proposta por Dom Helder Câmara, concelebrada por Dom José Maria Pires (Dom Zumbi), e composta pelo bispo Dom Pedro Casaldáliga, o poeta Pedro Terra e o músico Milton Nascimento, em memória a Zumbi dos Palmares. Essa missa tematizou a histórica resistência negra e refletiu sobre a responsabilidade da Igreja Católica na legitimação da escravidão de africanos no período escravocrata. Embora não fora reconhecida pela comissão de Liturgia no Vaticano, ela vai servir em

linguagem simbólica com temas que serão abordados pela Teologia Negra brasileira (ANDRADE, 2020, p.62).

Outros dois eventos acontecerem em 1988, ano centenário da abolição da escravidão no Brasil: a CNBB realizou a Campanha da Fraternidade, tendo como tema “Fraternidade e o Negro” e o lema “Ouvi o clamor deste povo”; e, em 1992, o oitavo Encontro da Intereclesial de CEBs, com o tema “Povo de Deus renascendo das culturas oprimidas”, o que contribuiu para o protagonismo negro nesse espaço. Com esse fato o teólogo Antônio Aparecido da Silva vai argumentar que:

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que num primeiro momento, certamente, pela influência de seus intelectuais orgânicos, mostraram-se receosas às questões étnico-culturais e de gênero, aos poucos, à medida que a vontade das bases foi superando o monitoramento dos radicais, foram assumindo o seu rosto negro, indígena e de mulher (SILVA, 1997, p.61).

No mesmo ano aconteceu a Conferência de Santo Domingo, que teve como tema central a “Inculturação”, vista como a Conferência que mais fez menção à comunidade negra, que para Silva teve uma repercussão na reflexão teológica afro-americana, que mais mencionou a Comunidade Negra, às vezes de maneira contundente, *como foi visto na mensagem do Papa João Paulo II “A estima e o cultivo dos vossos valores Afro-americanos enriquecerão infalivelmente a Igreja”* (grifo nosso SILVA, 2004, P.72-73).

CONCLUSÃO

De acordo com o que foi exposto até aqui, podemos entender que usar o termo Teologia Negra é muito mais do que uma simples luta contra o racismo, é entender que em algum momento da história, os negros e negras encontraram-se com a gênese do projeto redentor e identificaram a “opção preferencial de Deus pelos oprimidos” (EG 195), identificados como pobres a partir do Concílio Vaticano II.

Acredita-se que esta opção começou há milhares de anos antes de Cristo (em Israel) e, hoje, ela é representativa no povo africano e seus descendentes, que sofreram a maior diáspora dos últimos séculos⁷. São esses sujeitos na fala de Oliveira “de peles

⁷ Acredita-se que foram mais de 12 milhões de pessoas arrancadas de suas terras para serem escravos e escravas do outro lado do Atlântico, impossível de se calcular o tamanho do genocídio corpóreo, cultural e mental. Disponível em: . Acesso em: 02 abr. 2021.

escuras que verão nessa representação a pessoa de Jesus palatável, não inalcançável; oprimido, não supremacista, negro, não alvo mais que a neve” (OLIVEIRA, 2021, p.54).

Então a pergunta: por que uma “teologia” diferente da qual estamos acostumados? Ela não é suficiente para atingir todas as “opressões, traz em si uma narrativa libertadora”, pois entendemos que a “branquitude” almeja uma libertação apenas espiritual, ao passo que a “negritude” e os demais grupos oprimidos e discriminados socialmente anseiam por uma libertação de toda sua existência ou seja, “para estes um re-existir”. Por isso, ao usar o termo Teologia Negra, ele nos ajuda a enxergar o cristianismo a partir deste viés.

Outro motivo para usar o termo Teologia Negra é ver nele uma expressão de fé cristã na experiência negra para todos os cristãos negros e que é “essencialmente Teologia Negra”, pois ela faz referência especial àqueles negros e negras que estão profundamente inseridos em comunidades negras. Podemos dizer de outro modo que o termo Teologia Negra é a forma como “a comunidade” encontrou para sobreviver em meio a Igreja cristã, pois, ao se compreender que o mundo hodierno (dominado pelo neocolonialismo) emite um “deus opressor”, foi necessário criar uma outra imagem, na qual o libertador se parece com os negros e negras, para que continuem cristãos (imagem-referência).

Portanto, podemos apontar algumas características de uma teologia identificada como Teologia Negra que, ao longo do século XX, os negros em diáspora de diversos territórios conseguiram identificar a sua relação com Deus e a revelação a partir do seu ponto de referência, possibilitando uma gama de epistemologias decoloniais.

O teólogo Ronilso a partir do seu contato com as variadas teologias negras nos aponta cinco características evidentes que nos ajudam a entender o porquê de uma Teologia Negra:

(...) a territorialidade (reconexão com o sagrado a partir da vida de Cristo, tendo a terra habitada como ponto de partida), afrocentricidade (ancestralidade e tradição), corporalidade (compreender o lugar do corpo na teologia cristã) e a cosmovisão dialogal e inclusiva (caráter ecumênico) (PACHECO, 2019, p.64-78).

Por fim, compreendemos que o termo Teologia Negra é a teologia que impõe ao teólogo e teóloga a necessidade de refletir sobre o sentido de ser negro/negra ante a mensagem do cristianismo, em um contexto de opressão que foi ocasionado pelo processo de cristianização. Somado a isso, a Teologia Negra foi realizada a partir de uma hermenêutica que se assenta sobre o *locus* existencial de um “povo oprimido”. O que cria um grande desafio à teologia contemporânea, a necessidade de perceber que a mensagem

cristã deve resultar em um processo de transformação e libertação das estruturas opressoras.

3. HISTÓRIA DA TEOLOGIA NEGRA E COMO ELA SE DEU NO BRASIL.

O objetivo deste capítulo é conhecer e apresentar o surgimento⁸ da Teologia Negra ao longo da história, até uma sistematização de uma teologia enegrecida nos EUA. Para isso, foram reunidos uma série de documentos que testemunham a elaboração de um pensamento teológico negro em seus primeiros anos nos Estados Unidos, na medida em que apresentam o contexto que determina a hermenêutica Teológica Negra e a sua autocompreensão.

Apresentar a partir de documentos uma teologia e no caso a Teologia Negra, como um estudo sobre o agir de Deus no mundo mergulhado num senso crítico que transite por uma metodologia e epistemologia que contempla as experiências de opressão e de luta pela libertação da vida negra de forma integral e plena. É dentro dessa urgência de incluir a mensagem bíblica na realidade negra, que nasce a Teologia Negra.

Tais documentos foram compilados pelos teólogos negros Gayraud S. Wilmore e James H. Cone, publicados na obra “Teologia Negra (1986)”, a qual foi uma das referências básicas para este trabalho. Por fim, aborda-se os desdobramentos da Teologia Negra no Brasil, considerando o contexto latino-americano. Percebe-se, então, a gestação dessa Teologia Negra brasileira, como um possível caminho presente e futuro, para o “florescer enegrecido na nação majoritariamente negra”.

No tópico em questão, foram reunidos textos publicados em livros, artigos em periódicos e teses que tratam sobre o contexto brasileiro da Teologia Negra, entre outros, como obras de autores de teólogos, Antônio Aparecido da Silva, o teólogo/cientista da Religião Marcos Rodrigues da Silva e os teólogos Ronilso Pacheco e Lélia Gonzáles, fundamentais para organização da Teologia Negra no Brasil.

A partir de Cone (1985;1986) apreendemos o Evangelho que na sua totalidade fala de um Deus dos oprimidos que por meio de um processo kenótico (Fl2,6-11) ainda continua agindo na história marcando profundamente a humanidade por meio de sua paixão, morte e ressurreição. Sua ressurreição marca “a vitória de Deus sobre a opressão e a injustiça, revelando que a libertação divina demonstrada na história de Israel agora está disponível para todos” (CONE,1985,p.149).

⁸ Nos Estados Unidos, é comum datar o surgimento da Teologia Negra no fim da década de 1960 e, com certeza, está orientada por episódios que aconteciam lá desde o aumento organizado das lutas dos movimentos pelos Direitos e dos Black Power. Para alguns, o ano seria 1969, por ser o ano de publicação do primeiro livro de James Cone, *The Black Theology and Black Power* (A Teologia Negra e o Poder Negro).

3.1. Trajetória histórica da Teologia Negra.

Para Sanches (2009, p.8) toda teologia é contextual e ela nasce de uma experiência que vai se tornar “um compêndio sistemático” a partir daquilo que foi revelado à pessoa ou ao grupo sobre Deus. A tendência é a supervalorização das teologias sistematizadas, pensamento cada vez mais reforçado pelo que se compreende e se aceita historicamente como conhecimento.

O teólogo Pedro Acosta Levya no podcast⁹ “O Hebreu” (2021), relembra isso, ao reafirmar que a Teologia Negra não nasce na década de 1960 e que não se pode atrelar o seu nascimento a essa data pois, agindo assim, reforça a cosmovisão embranquecedora que foca na luta de Martin Luther King e no movimento dos Direitos Civis, inviabilizando diversas personagens necessárias a esta construção teológica.

É na história do Êxodo que a igreja negra se manteve forte, porque a narrativa fala de forma contundente dos problemas enfrentados pelos fiéis. Os afrodescendentes vão encontrar no Êxodo, ao longo das gerações, um “Deus que atende aos oprimidos que por Ele clamam”, conforme o texto de Êxodo 3,7-8¹⁰. A iniciativa de libertação é sempre de Deus, é Ele que se faz sensível, vendo, ouvindo, inclinando-se e libertando. A partir desta experiência o povo (negro) oprimido se sente motivado a continuar gritando, pois crer não clama em vão.

Vemos que Cone, em sua hermenêutica do Êxodo e dos livros proféticos do Antigo Testamento, apresenta um Deus que é graça e é ira. Para não dar entender uma certa contradição, o autor nos fala que essa dupla face é orientada pela justiça. Para ele, a libertação dos oprimidos é a peça central nessas narrativas ao afirmar que:

Podemos estremecer com a ira de Iahweh, como proclamada na profecia de Amós, e dizer que em Amós falta a terna misericórdia que se encontra em Oséias. Contudo, a misericórdia de Deus nunca pode invalidar o seu desejo de justiça. Não há graça divina no Antigo Testamento (ou no Novo Testamento) que seja concedida aos opressores à custa do sofrimento dos pobres. O tema da justiça e do interesse especial de Iahweh pelos pobres e

⁹ Fala contextualizada no “Teologia Negra” <https://anchor.fm/o-hebreu/episodes/Ep-13---Teologia-Negra-euhb19>. Acesso em 10 de dezembro 2022.

¹⁰ “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa de seus ; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel, o lugar dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuzeus”. Ex 3,7-8.

as viúvas tem um lugar central na profecia israelita (CONE, 1985, p. 79).

Na sua hermenêutica do Novo Testamento, para Cone, Jesus é figura central como a identificação de Deus com os fracos e desamparados, o servo e senhor, aquele a serviço da libertação dos oprimidos para a afirmação de sua humanidade:

Desde o início, os Evangelhos querem comunicar que a história de Jesus não é simplesmente uma história acerca de um homem bom que encontrou um infeliz destino. Ao contrário, em Jesus, Deus está trabalhando, contando a sua história e revelando o plano divino de salvação (CONE, 1985, p. 85).

Assim, o povo negro vem alimentando sua fé na certeza de que Deus, no qual crê, liberta e salva. Essa experiência do Deus da vida, que liberta e salva, encontra em Jesus Cristo o seu ponto culminante. As comunidades negras, enquanto “lugar teológico”, atentas aos sinais reveladores da presença de Deus procuram revelar esta presença. Tal experiência é o que reforça a opção preferencial pelos pobres, assumida pela Igreja latino-americana e caribenha.

Nessa época a Teologia Negra já se apresentava sistematizada, porém, desde muito tempo a mesma acontecia em diversos territórios, inclusive no Brasil. “A sistematização da Teologia Negra, partiu de observação dos fenômenos religiosos, culturais e sócio-políticos que a precederam” (OLIVEIRA, 2021, p.56). Fenômenos como as manifestações espirituais corpóreas dos escravizados e escravizadas norte-americanos são exemplos claros dessa história.

Nos campos de algodão, a partir da opressão da escravidão e do racismo que os persegue, negros e negras entoam cânticos¹¹ e hinos como esse trecho de uma música que expressa um pouco do texto bíblico Êxodo 5,1¹² :

Ó vamos todos deixar o cativo/deixem meu povo ir e todos sejam libertos em Cristo/deixem meu povo sair, não precisamos sempre chorar e murmurar/deixem meu povo ir nem usar estas correntes miseráveis da escravidão/deixem meu povo sair¹³

¹¹ Tradução de trecho da música “Go Down, Moses”, um tradicional spirituals. In: SANTOS, J. P. Trânsitos (trans)culturais na literatura estadunidense, p. 48-49.

¹² Ex 5,1: Depois disso, Moisés e Aarão se apresentaram diante do Faraó e disseram: “Assim diz Javé, o Deus de Israel: Deixe meu povo partir para que celebre uma festa para mim no deserto”.

¹³ Tradução de trecho da música “Go Down, Moses”, um tradicional spirituals. In: SANTOS, J. P. Rev. Moara, Belém, n. 35, p. 39-63, jan./jul. 2011.

Ao longo da história, personagens negros e negras na luta abolicionista usaram canções para dizer seus planos aos escravizados, como código secreto. Como foi narrado no livro de Pacheco (a Moisés Negra – Harriet Tubman 1822-1913)¹⁴. Strietelmeier (2020, p.41) vai dizer que “uma teóloga que encarnou a mensagem e a usou a partir da linguagem e da necessidade do seu povo até o fim de sua vida, quando disse suas últimas palavras: eu irei preparar um lugar para vocês”. Num corpo escravizado surge o fazer teológico negro cristão. A dor do oprimido mistura-se a sua fé e gera os “spirituals¹⁵”, uma forma dos negros e negras do século XIX expressarem sua fé, sua religiosidade.

O trecho da música abaixo faz uma ligação entre os oprimidos escravos israelitas e os escravizados norte-americanos, equiparando os egípcios e as famílias escravagistas branco-europeias na mesma posição de opressores, lembrando o fato histórico quando Moisés e Arão estão diante do faraó e pedem a libertação do povo de Israel da escravidão que viviam. Para eles o Êxodo era a solução, rumo à terra prometida, a libertação somente em Cristo, e ela está no âmbito espiritual e chega hoje, não espera a morte, e mesmo que a morte venha, o corpo é livre (CONE, 2020, p.50):

Oh! Liberdade! Oh Liberdade!
Oh! Liberdade, eu te amo!
E, antes que eu seja um escravo,
Serei enterrado em minha sepultura
E vou para o lar, para meu o Senhor, e serei livre (CONE, 1985, p.20).

Foi por meio da comunicação musical que os escravizados conseguiam resistir à dor, à política da época, à liberdade do exercício da fé religiosa e à possibilidade de redenção. Embora muitos fazendeiros tentaram proibir o canto dos *spirituals* em suas plantações, não o conseguiram calar. Segundo Oliveira (2021, p. 57) “foi esse legado o combustível para a Emancipação¹⁶, que ultrapassou sua época e ajudou na construção das Igrejas negras, onde também nasce a Teologia Negra”.

¹⁴ Em “Teologia Negra”, Ronilso Pacheco diz o seguinte: “Quando empreendeu um incrível plano de libertação de suas irmãs escravizadas e seus irmãos escravizados nas fazendas dos Estados Unidos, a ex-escravizada Harriet Tubman evocou o seu ancestral Moisés e seu chamado para conduzir o povo hebreu, escravo no Egito, à liberdade, atravessando o deserto e o mar”. In: PACHECO, R., Teologia Negra, p. 73.

¹⁵ Spiritual, também chamado de Negro Spiritual, é um gênero musical cuja aparição se deu nos Estados Unidos da América. Foi, inicialmente, interpretada por escarvos negros (1776). Faziam uso de movimentos rítmicos do corpo e batiam palmas como acompanhamento da música (1860) quando começa a ser publicada. Forma de canção que se tornou um marco musical do povo negro norte-americano, sendo a gênese de inúmeros estilos musicais de identidade negra do século XX.

¹⁶ Termo relativo à abolição para nós, brasileiros.

É a partir da luta do povo norte-americano contra a injustiça racial, que nasce nas igrejas negras nos séculos XVIII e XIX, o que muitos dirão: “a teologia nasce na plantação” (MOURA, 1992, p. 23). Embora algumas pessoas em condição escrava já terem contato com a religião branca dos seus senhores desde 1619, quando da chegada dos primeiros escravos africanos aos EUA, veremos que as primeiras igrejas negras do país só vão aparecer 150 anos depois. Seu surgimento é “a partir da adoração informal, não contida e não oficializada dos negros afro-americanos, que a partir desta manifestação, dão corpo a esta ‘instituição invisível’, que resgata a espiritualidade de África no continente americano” (OLIVEIRA, 2021, p.58).

Os frutos destas novas igrejas negras ou primeiras colheitas¹⁷, serão vistas com maior expressão no século XX, onde pode-se ver uma teologia vívida, pregada, orada e cantada, o que dará liga a esta “ekklesia”, que se tornou sinônimo de refúgio e resistência às pessoas negras. Nos anos de 1920 a 1956, as igrejas espalham-se pelo país, dando início ao que ficou conhecido como a “certidão de nascimento da teologia africana¹⁸”.

Um fenômeno que se deu nos EUA foi o crescimento das igrejas negras, o resgate de pessoas negras através do Evangelho de Jesus e da reunião solene do Corpo de Cristo, do outro lado, “a sociedade americana seguia firme com sua segregação racial de todas as formas. Esses eventos irão influenciar as igrejas negras junto ao Movimento dos Direitos Civis, já metade do século” (CONE, 1983, p. 73).

Paralelamente, no cenário teológico mundial percorrido ao longo das décadas e culminado pela “virada de chave” no Concílio Vaticano II, três fatores principais motivaram a sistematização da Teologia Negra nos Estados Unidos:

O primeiro foi o Movimento pelos Direitos Civis (1950 – 1960) ligado à figura do pastor batista Martin Luther King Jr. O segundo fator motivante foi a publicação do livro *Black Religion*, em 1964, do historiador negro Joseph Washington, segundo o qual defendia a ideia de que as “Congregações negras não são igrejas, mas sociedades religiosas, a religião pode adorar qualquer deus que lhe agrade”, acreditando que o evangelho não se alia à justiça social. Esse será refutado tempos depois pelo teólogo e pastor James Cone ao sistematizar a Teologia Negra. Por fim, o crescimento exponente

¹⁷ O Protestantismo Norte-Americano: Século 17 a 19, Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, São Paulo, 04 abr. 2021.

¹⁸ Padres africanos e haitianos lançam em Paris o livro “Des Prêtres Noirs s’Interrogent” (Padres negros Interrogam-se). Considerada como a “certidão de nascimento da teologia africana”. Esta obra contracultural consiste num manifesto testemunhal de treze clérigos que expressaram suas dificuldades no labor de uma fé religiosa vinda de um “ocidente colonizador”.

do movimento *Black Power* (Poder Negro), fruto dos guetos, em 1966, influenciado pela filosofia do nacionalismo negro¹⁹ de Malcolm X. (CONE, 1983, p.73).

3.2. A Teologia Negra a partir de James Cone²⁰

Como já descrito, historicamente, é James Cone quem se desponta como um nome representativo da Teologia Negra. Nascido em Arkansas, criado em Bearden, ele foi pastor metodista da Igreja Metodista Episcopal Africana Macedônica (OLIVEIRA, 2021, p.64). De acordo com Caldeira em seus estudos sobre Barth, Bultmann e Tillich, associado à sua experiência de fé, “Cone enxergou uma virada hermenêutica, onde percebeu-se que, até então, a leitura interpretativa da Bíblia não era feita de forma imparcial ou neutra, mas sempre parte de um ponto” (CALDEIRA, 2019, p. 992). E, esse ponto de partida era o próprio texto, a cultura e a experiência que, no seu caso, era totalmente diferente do ponto que os seus autores objetos de estudo partiam (OLIVEIRA, 2021, p. 64).

Diante disso, é muito comum o entendimento que a Teologia Negra surge no fim da década de 1960, tendo como marco a publicação em 1969, do primeiro livro do teólogo negro estadunidense James Cone (1936–2018), *Theology and Black Power* (A Teologia Negra e o Poder Negro). É a partir de sua obra que surge uma tentativa de sistematização da Teologia Negra. Relembrando que ela consiste no acúmulo de toda uma produção anterior sobre a temática (PACHECO, 2019, p.56).

¹⁹ O nacionalismo negro é um movimento político e social que surgiu em oposição ao multiculturalismo e busca a criação de uma nação negra, nascida em meados do século XIX e que adquiriu força singular nos anos 1960 e início dos anos 1970, principalmente, entre os afro-americanos nos EUA.

²⁰ James Hal Cone foi e ainda é um dos mais importantes teólogos dos Estados Unidos. Considerado o pai da teologia negra, ficou conhecido, principalmente, por defender a existência de uma teologia que deveria ser usada para libertação da população negra. O teólogo nasceu em 1938 no estado de Arkansas, no sul do Estados Unidos e morreu no sábado, 28 de abril de 2018. Ele cresceu, viveu e sentiu na pele a segregação e desigualdade racial da cidade de Bearden, onde frequentou com a sua família a Igreja Episcopal Metodista Africana da Macedônia. Seu livro de 1969, *Black Theology and Black Power*, forneceu uma nova maneira de definir de forma abrangente a distinção da teologia na igreja negra. Sua mensagem era que o Black Power, definido como pessoas negras afirmando a humanidade que a supremacia branca negava, era o evangelho na América. Jesus veio para libertar os oprimidos, defendendo a mesma coisa que o Poder Negro. Ele argumentou que as igrejas americanas brancas pregavam um evangelho baseado na supremacia branca, antitético ao evangelho de Jesus. O trabalho de Cone foi influente desde a época da publicação do livro e seu trabalho permanece influente até hoje. Em <https://afrokut.com.br/blog/james-cone-o-pai-da-teologia-negra>.

Entretanto, sem entrarmos em um debate a respeito, há quem considere que a Teologia Negra nascera um pouco antes, em 1966, o ano em que, no dia 31 de julho, foi publicada a declaração: *O Poder Negro*, feito pelo Comitê do Clero Negro, sediado em Nova Iorque (PACHECO, 2019, p. 58).

Da mesma forma, o continente africano vai reivindicar esse feito com um documento publicado em 1956, *Padres Negros Interrogam-se*, feitos por teólogos e sacerdotes católicos (PACHECO, 2019, p.58).

De qualquer forma, embora exista esse documento da década de 1950, pode-se afirmar que o período de produção inicial mais densa e prolífica da Teologia Negra, como “teologia organizada epistemológica e academicamente”, sem dúvida, só vai ser vista a partir do fim da década de 1960. O que pode ser atestado por meio de alguns eventos como: Os movimentos pelos *Direitos Civis* nos EUA, o assassinato de Martin Luther King Jr, em 1968, e o surgimento da luta contra o apartheid na África do Sul, destaque do movimento da Consciência Negra, que proporcionou forte resistência entre os anos de 1968 e 1977, “marcado por uma presença ativa de teólogos, líderes religiosos, além de seminários e igrejas negra” (PACHECO, 2019).

3.3. A chegada da Teologia negra no Brasil.

Oliveira diz que “o sopro dado à época no território estadunidense também aconteceu no Brasil” (OLIVEIRA, 2021, p. 86) e que os primeiros passos de uma Teologia Negra, genuinamente, brasileira foram dados por alguns personagens popularmente desconhecidos que, devido à relevância deles nesse tema específico, consideraremos seus escritos a partir da década de 1980.

O autor observa que a produção da Teologia Negra só chega, efetivamente, no Brasil na década de 1980. Embora, já na década de 1970, no Brasil, o movimento negro organizado entrava em cena com a fundação do Movimento Negro Unificado, inspirados em líderes negros, movimentos negros e acontecimentos políticos, não podemos afirmar que existia uma sistematização teológica negra. Mas, diferentemente do que ocorre nos EUA, a Teologia Negra no Brasil, a princípio, será construída, hegemonicamente, entre católicos. Somado a isso, as inovações eclesiais e teológicas na Igreja Católica na América Latina, em certa medida, contribuem para um posterior surgimento de uma hermenêutica teológica negra no Brasil, mas ainda não uma sistematização (ANDRADE, 2020, p. 57-58).

O que de fato observou-se foi que as obras traduzidas para o português dos livros de James Cone: *O Deus dos oprimidos e Teologia Negra*, este último em parceria com Gayraud S. Wilmore, tiveram grande impacto na comunidade negra brasileira. Outro livro referência é do luterano João Guilherme Biehl: *De igual para igual*. Também um pequeno livro do pastor metodista sul-africano Gabriel M. Setilona, editado em 1986, traduzido para o português e publicado em 1982 como *Teologia Africana, uma introdução*. São essas publicações traduzidas que vão ajudar o público brasileiro a ter um contato com a Teologia Negra, que já estava consolidada nos EUA e na África do Sul (PACHECO, 2019, p. 58-59).

Do ponto de vista de uma produção academicamente brasileira sobre Teologia Negra, ela só será conhecida na década de 1980. Destaque para o professor afro-americano Peter Nash (Escola Superior de Teologia – EST) fomentando ricas contribuições com produções interessadas pela Teologia Negra. De grande relevância também será a contribuição do *Grupo Atabaque*, cultura negra e teologia, que vão colaborar com a produção de um pensamento teológico negro no Brasil e uma produção conjunta sobre o diálogo entre a tradição cristã e demais religiões de matriz africana (PACHECO, 2019, p. 59).

Outros eventos na década de 1960, que, indiretamente, contribuíram para propiciar um terreno sólido à Teologia Negra, serão citados de maneira resumida pois não são o objeto de estudo:

O Concílio Vaticano II (1962-1965) e, posteriormente, a partir do final da década de 1970, uma série de eventos e articulações contribuirão para a chegada da Teologia Negra.

Em 1979, ocorre a III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla, que contou com a articulação (1978) de representantes da comunidade negra no Brasil, os Agentes de Pastoral Negros e Sacerdotes (APN's), embora não ocorreu o que se esperava. Segundo A. da Silva, viu-se um avanço quanto a menção, mesmo que rápida no documento da referida conferência: “faz aos negros como os mais pobres entre os pobres, iniciativa e legítima a militância negra em âmbito pastoral, de onde emerge uma hermenêutica teológica” (SILVA, 1997, p.58-59). Assim como a articulação eclesial da Conferência Nacional do Clero Negro nos Estados Unidos que contribuiu, significativamente, para a constituição sistematizada da Teologia Negra da Libertação, a organização da comunidade negra católica que dará semelhante contribuição à Teologia Negra no Brasil.

Alguns anos depois, na década de 1980, I Encontro de Pastoral Afro-americana, na Colômbia, criou uma rede de interação entre a militância negra brasileira em âmbito pastoral e os grupos negros religiosos de países latino-americanos, caribenhos e norte-americanos (SILVA, 2014, p. 54).

Despertados pela militância, a partir da década de 1980, uma nova geração de teólogos negros começou a produzir os primeiros trabalhos nessa perspectiva teológica em âmbito acadêmico, a exemplo da dissertação de mestrado defendida pelo teólogo Marcos Rodrigues da Silva, em 1990, intitulada *Pistas para uma Teologia Negra de Libertação* (SILVA, 1997, p. 62).

Assim como nos Estados Unidos, a Teologia Negra dá os seus primeiros passos em âmbito eclesial e só depois adentra o mundo acadêmico, que no Brasil só se deu por volta de uma década e meia depois das primeiras publicações de James Cone (ANDRADE, 2020, p.64).

Se no Brasil, antes desse período, não houve uma elaboração sistematizada de uma teologia na perspectiva negra, nos moldes acadêmicos, Antônio Aparecido da Silva justifica que,

certamente não por outros motivos, senão pelo fato de que a Comunidade Negra era totalmente desprovida dos instrumentos convencionais de elaboração teológica. Basta lembrar que no Brasil, (...) até poucas décadas atrás, os poucos negros que conseguiram furar a barreira do racismo eram aceitos com dificuldades nos seminários. Nos demais países da América Latina, em geral, os procedimentos não foram diferentes (SILVA, 1997, p. 62).

Segundo Andrade, o atraso de uma produção sistematizada da Teologia Negra no Brasil é percebido ao se comparar a articulação entre eclesiásticos negros nos EUA, a pouca presença de padres e seminaristas negros como na Igreja Católica, liderada por eclesiásticos brancos. Ele continua afirmando que tal desarticulação até então seria pela ausência de eclesiásticos negros ou a ausência de uma perspectiva racializada em tais clérigos, mas que por não termos uma resposta satisfatória a tal questão, o que se percebeu foi o crescente debate sobre o problema do racismo e sua relação com a religião que se deu a partir do fim da década de 1970 e início de 1980 (ANDRADE, 2020, p. 64).

3.4. Como se desenvolveu a Teologia Negra no Brasil.

Como ocorreu nos Estados Unidos, as reflexões sobre uma Teologia Negra no Brasil, articulada a um contexto teológico latino-americano, será construída em meio a

um ambiente sociopolítico conturbado, marcado pela segregação racial. Porém, com especificidades históricas próprias da ex-colônia portuguesa.

É por isso que, de maneira direta ou indireta, as publicações, em particular os livros de James H. Cone traduzidos para o português pela editora Paulinas (O Deus do Oprimido 1985, e Teologia Negra 1986), contribuíram para uma apropriação - que ganha corpo no Brasil - da tradição hermenêutica da Teologia Negra estadunidense pelos teólogos negros e negras brasileiros.

O evento que melhor ajuda a datar o desenvolvimento da Teologia Negra no Brasil talvez seja o Concílio Vaticano II (1962-1965) e, dentro deste contexto, a abertura da Igreja Católica e o seu papel sobre o mundo contemporâneo:

(...) é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado a cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu caráter tantas vezes dramático (GAUDIUM ET SPES, 2011, p. 9).

Então, a partir da década de 1970, alguns eventos vão servir para o desenvolvimento de uma Teologia Negra no Brasil:

Em 1979, a III Conferência Geral Latino-americana produz um texto não tão progressista para época, onde afirmava a opção preferencial pelos pobres (BRITO, 2010, p.85-87), que será visto pelos (APN's) Agentes de Pastoral Negros e representantes da comunidade negra no Brasil como o reconhecimento aos negros de serem vistos como "os mais pobres dentre os pobres", que incentiva e legitima a militância negra em âmbito pastoral, lugar onde emerge uma hermenêutica teológica (SILVA, 1977, p. 58-59).

Já em 1978, o Grupo de União e Consciência Negra participou ativamente da preparação da Conferência de Puebla (SANTOS, 2017, p. 222). Na década de 1980, Agentes de Pastoral Negros elaboraram uma "densa reflexão que emerge desta prática eclesial, ecumênica e promotora do diálogo religiosos" (SILVA, 1997, p. 60).

Outro evento que mostra o desenvolvimento de uma Teologia Negra no Brasil foi em 1981, quando era celebrada em Recife a Missa dos Quilombos, proposta por Dom Helder Câmara, concelebrada por Dom José Maria Pires (Dom Zumbi) e pelo bispo Dom Pedro Casaldáliga, o poeta Pedro Terra e o músico Milton Nascimento, em memória de Zumbi dos Palmares. Embora não reconhecida pela Comissão de Liturgia no Vaticano, as músicas da Missa dos Quilombos foram gravadas, apresentando em linguagem

simbólica os temas que serão abordados pela Teologia Negra brasileira (PESSOA; ANDRADE, 2018).

Com isso, uma nova geração de teólogos negros e negras produzirão os primeiros trabalhos numa perspectiva teológica em âmbito acadêmico, a exemplo da dissertação de mestrado (1990) defendida pelo teólogo Marcos Rodrigues da Silva, *Pistas para uma Teologia Negra de Libertação* (SILVA, 1997, P. 62). Vê-se a Teologia Negra dando seus primeiros passos no âmbito eclesial e só depois adentra o mundo acadêmico, o que só será visto no Brasil uma década e meia depois das primeiras publicações de James Cone.

No ano de 1985, no Rio de Janeiro, ocorreu a primeira Consulta sobre Cultura Negra e Teologia na América Latina²¹, com tema “Identidade Negra e Religião”, que mostra uma forte presença de religiões de matriz africana, diferentemente do que acontecia nos EUA, que se restringia ao cristianismo. Isso amplia o horizonte hermenêutico da Teologia Negra no Brasil, ao estabelecer correlações entre diferentes denominações cristãs e não-cristãs (ANDRADE, 2020, p. 64-65).

O caminho do desenvolvimento da Teologia Negra no Brasil sempre esteve envolto de temas como racismo, espiritualidade negra e indígena e cultura. Um exemplo foi o evento ocorrido em 1987, organizado pela Comissão Ecumênica Nacional de Combate ao Racismo (CENACORA), contando com a presença de representantes de Igrejas Protestantes, Igreja Católica Apostólica Romana e da Igreja Católica Ortodoxa Siriana. O grupo tinha por objetivo:

Discutir, bíblica e teologicamente o racismo; refletir sobre a espiritualidade negra e indígena; promover e incentivar atividades que capacitem pessoas a combater e eliminar o racismo; desafiar as igrejas a examinarem a existência do racismo em suas comunidades (SANTOS, 2017, p. 223).

No ano seguinte, 1988, comemorava-se o centenário da abolição da escravatura no Brasil, assim, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizou a Campanha da Fraternidade, com tema “Fraternidade e o Negro” e o lema “Ouvi o clamor deste povo!”. Já em 1992, ainda no âmbito católico, ocorreu o 8º Encontro Intereclesial

²¹ Esse evento contou com a presença de 30 participantes, sendo 25 negros (dezoito homens e sete mulheres) e 5 brancos, provenientes de 8 países: Brasil, Haiti, República Dominicana, Curaçao, Costa Rica, Panamá, Colômbia e Peru. Além de reunir cristãos de diferentes denominações, como católicos, metodistas, presbiterianos, batistas e episcopais, o evento contou com a participação de pessoas adeptas do Vodou, Candomblé e Lumbalu (ASETT, 1986, p. 13-14).

de CEBs, com tema “Povo de Deus renascendo das culturas oprimidas”, o que contribuiu muito para o protagonismo negro nesse espaço.

Segundo afirma o teólogo Antônio Aparecido da Silva, esse movimento tem um papel preponderante dentro do cenário cristão:

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que num primeiro momento, certamente, pela influência de seus intelectuais orgânicos, mostraram-se receosas às questões étnico-culturais e de gênero, aos poucos, à medida que a vontade das bases foi superando o monitoramento dos radicais, foram assumindo o seu rosto negro, indígena e de mulher (SILVA, 1997, p. 61).

Ainda de acordo com o teólogo Antônio, os desdobramentos de uma Teologia Negra vão se configurando em ações, eventos e conquistas. Para ele, a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo é vista como a conferência que mais fez menção à comunidade negra. Nela, um tema muito debatido foi a “Inculturação”. (ANDRADE, 2020, p. 66).

Aos poucos o tema da Inculturação foi-se impondo na pastoral e na reflexão teológica. (...) A bem da verdade, entre as três últimas Assembleias, Santo Domingo foi a que mais mencionou a Comunidade Negra e, às vezes, até de maneira contundente, como na Mensagem do Papa aos Afro-americanos. Portanto, era forçoso que nos anos seguintes, ou seja, nestes últimos dez anos, o tema da Inculturação fosse prioritário na reflexão teológica afro-americana (SILVA, 2004, p. 72-73).

Ainda na esteira do ano de 1992, criou-se em São Paulo, o *Grupo Atabaque: Cultura e Teologia*”, idealizado pelo então teólogo Pe. Antônio Aparecido da Silva, que buscou elaborar resultados advindos das lutas e debates sobre as práticas das Comunidades Negras (SILVA, 1997, p.64).

Para Marcos Rodrigues da Silva, um dos membros fundadores do Grupo Atabaque, a correlação interdenominacional do grupo era fundamental para o fortalecimento dele. Um espaço em que os métodos e os instrumentos de análise da Teologia da Libertação, que acolhe intelectuais de diversas áreas do conhecimento, católicos e protestantes, elaboram critérios que permitem desvendar este processo de afirmação da identidade e história do povo afro-americano (SILVA, 1997, p.63). De acordo com Silva, o Grupo Atabaque:

Contudo, podemos perceber a afirmação de outros olhares e perspectivas teológicas e de elementos identitários que fazem parte do ser negro e negra na leitura das lutas de resistência das comunidades negras latino-americanas e afro-brasileiras. Estes olhares e perspectivas são registrados nas categorias de gênero, classe, movimentos sociais, práticas religiosas, religiosidades e pastorais em todo o continente latino-americano (SILVA, 2014, p. 13-14).

Dessa forma, o Grupo Atabaque, apropria-se da tradição teológica da libertação latino-americana e busca por meio de uma hermenêutica teológica contextualizar a experiência histórica e a cultura das comunidades negras do Brasil e na América Latina, conforme apresenta Silva:

Assim, o campo social torna-se espaço privilegiado para a reflexão teológica. As categorias abstratas são substituídas por novas formulações decorrentes da práxis, da atitude de resistência e da busca operante de libertação. O velho estatuto teológico reduzido à dogmática já não se mostra mais suficiente diante de uma prática de fé em que o mais importante não é a gramática teológica, mas a realidade vivida como experiência do Transcendente nas suas variadas imagens e representações (SILVA, 2014, p. 16).

O que se viu então foi que, a partir da década de 1990, o protagonismo do Grupo Atabaque na elaboração de uma Teologia Negra, genuinamente brasileira, dentro de um contexto mencionado acima, resultou na organização de eventos e publicações de livros, que contribuíram para o seu desdobramento no Brasil, como os descritos abaixo.

Em 1994, em São Paulo, a II Consulta Ecumênica de Teologia e Culturas Afro-Americana e Caribenha, organizada pelo grupo Atabaque, com apoio de outras entidades como a ASETT, SOLIDARIAD, CENACORA, além de cientistas sociais, teólogos e teólogas, pastoras e pastores, sacerdotes, babalorixás, pesquisadores e pesquisadoras, de 11 países (ATABAQUE/ASETT, 1997, p. 6-9). As discussões temáticas desse encontro resultaram na publicação do livro *Teologia Afro-Americana*, organizado pelo teólogo Pe. Antônio Aparecido da Silva (ANDRADE, 2020, p.68).

Textos de autores de diversos países, com temáticas como a Teologia Negra no Brasil, na América Latina, no Caribe, no EUA e a Teologia Contextual africana. Entre os objetivos descritos no livro, dois pontos evidenciaram a possibilidade de ampliação do horizonte hermenêutico na constituição e desenvolvimento da Teologia Negra no Brasil,

tendo em vista as correlações com as teologias de outras localidades e com as religiões de matriz africana, destaque para os seguintes:

Propiciar uma maior articulação entre as iniciativas de reflexão teológica que têm surgido nas várias regiões do continente, referente à questão afro, fazendo um intercâmbio com propostas similares em outros continentes. Aprofundar a reflexão sobre ecumenismo e macro-ecumenismo a partir das culturas e religiões de origem africana (ATABAQUE/ASSETT, 1997, p. 6).

O livro *Teologia Afro-Americana*, descreve como a presença feminina também contribui com desenvolvimento da Teologia Negra no Brasil, destacando-se o texto *Teologia Feminista Latino-americana*, assinado pela teóloga negra Sílvia Regina de Lima Silva, em que defende a contribuição hermenêutica da corrente teológica descrita no título, articulada ao engajamento da Teologia Negra, com o objetivo de “romper com as barreiras impostas pelo discurso teológico ocidental patriarcal” (SILVA, 1997, p. 120). Nesse caso, a crítica feminista é apropriada pela Teologia Negra no Brasil via mediações teológicas. Outra observação a ser feita é que, “diferentemente da crítica das teólogas negras estadunidenses, ao menos nesse texto em específico, a crítica não é, prioritariamente, dirigida aos teólogos negros, mas à tradição teológica ocidental” (ANDRADE, 2020, p.60-70).

Já a respeito dessa correlação “macro-ecumênica”, Dom José Maria Pires (1919-2017), então Arcebispo da Paraíba, afirma no livro em questão, com seu texto: “*O Deus da vida nas comunidades afro-americanas e caribenhas*, parte do princípio que o “Espírito sopra onde quer e não fica preso aos limites das instituições” (PIRES, 1997, p.18). Em outro trecho, Pires aponta-nos uma correlação entre as crenças monoteístas presentes na religião judaico-cristãs, em religiões africanas e entre outros povos:

Teólogos e pastores prestariam bom serviço às comunidades cristãs se as ajudassem a entender que não há politeísmo na cultura religiosa africana. Os negros vindos de África não eram politeístas. Acreditavam em um Ser supremo, criador de tudo. Que os povos de cultura nagô-yorubá o chamem com o nome de Olorum (o Inacessível) como os hebreus o denominaram Elohim, que os bantos o chamem de Nzambi (Aquele que diz e faz) ou Kalunga (Aquele que reúne), ou Pamba, ou Mandau, como os gregos o denominaram Theos, ou nós chamamos Deus e os indígenas Tupã, Ele é sempre o supremo, o inatingível, senhor do céu e da terra (PIRES, 1997, p. 23).

Pires descreve alguns aspectos que influenciarão no desenvolvimento da Teologia Negra no Brasil, apontando a correlação de culto aos antepassados presentes no catolicismo e no candomblé, nos santos e nos orixás:

Os Orixás nada têm que ver com os santos da Igreja católica. Se Santo Antônio é Ogum (em outros lugares é São Jorge), se Yemanjá é Nossa Senhora da Conceição e Santa Bárbara é Yansã, trata-se de expedientes para confundir os brancos evitando perseguições. O que mais se assemelha ao culto católico dos santos é o culto dos antepassados. Para nós, africanos, os antepassados morreram, mas não se ausentaram. Permanecem junto de suas famílias, invisíveis, protegendo-as e orientando-as. Com elas se comunicam especialmente através de sonhos. A morte não é um fim: é a passagem para um novo modo de ser. A resposta de Cristo aos saduceus ilumina essa crença profunda na presença dos antepassados. Deus disse: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Ora, Ele não é um Deus de mortos, mas sim de vivos” (Mt 22,32). Em todo terreiro, por pequeno que seja, há um espaço reservado aos antepassados. A eles se dirige uma saudação no início de cada culto (PIRES, 1997, p. 24-25).

O autor defende, também, a legitimidade da dupla pertença religiosa de quem é adepto do candomblé e do cristianismo:

Acreditamos cada vez mais fortemente que é possível o negro ser discípulo de Cristo e viver na Igreja sem deixar de ser negro, sem renunciar à sua cultura, sem ter de abandonar a religião dos Orixás que, como o judaísmo, poderá deixar-se impregnar da mensagem de Jesus Cristo (PIRES, 1997, p. 31).

O destaque dado ao livro em questão mostra a importância das religiões de matriz africana na constituição hermenêutica da Teologia Negra no Brasil no texto: *Afro-América – o terreiro nos evangeliza*, do teólogo Heitor Frisotti, que, assim como Pires, aborda a correlação entre o cristianismo e o candomblé, apresentando a luta política de libertação orientada pela fé como um ponto de encontro entre as duas religiões correlacionadas, Frisotti faz a seguinte afirmação propositiva:

Queremos mostrar como, ao lado de tantas comunidades pobres, também os terreiros foram, na prática, sujeitos de promoção de vida e de dignidade, de vida comunitária e de organização social, de luta pela transformação das estruturas e das relações pessoais. (...) Mais do que analisar o “discurso” do candomblé, preferimos escolher algumas práticas que nos possam manifestar esta ligação de fé e política na luta de libertação e, por isso, evangelizadora, das comunidades negras (FRISOTTI, 1998, p. 96).

Já o trecho abaixo apresenta uma breve reflexão sobre a afirmação do corpo na liturgia das religiões negras, sendo também uma afirmação incorporada pela hermenêutica teológica negra:

Aprendemos tão bem a filosofia grega da distinção entre corpo e alma que acabamos separando os dois. O corpo é o primo pobre. Deve ser tratado com dureza para submeter-se ao espírito, que é a parte nobre do homem. Aprendemos a fazer oração mental, rezamos e pedimos orações e missas pelas almas do purgatório. Os missionários pregavam nas Missões populares: “Salva a tua alma!”. O próprio Livro da Sabedoria parece ter sofrido a influência dessa dicotomia ensinada pela filosofia grega. Sem entrar em discussões filosóficas, o negro nos ensina a não separar o que Deus uniu: o corpo e alma formam unidade aqui e no além. O corpo é bom ou ruim tanto quanto a alma. Reza-se e celebra-se com a pessoa toda e é muito importante, indispensável mesmo, a participação do corpo. Não há partes do culto que se destinem só ao espírito. Nas celebrações do candomblé não há leituras, não há pregações, não há momentos de atividade só para o espírito, enquanto o corpo deve abster-se de qualquer participação. Será por isso que o povo simples se identifica mais com a procissão do que com as missas e celebrações da Palavra? Será por isso que as Assembleias de Deus e a Renovação Carismática encontram grande aceitação entre os pequenos? (PIRES, 1997, p. 28).

Em 1998, o trabalho do Grupo Atabaque no desenvolvimento da Teologia Negra no Brasil promoveu a publicação de mais um livro em que reuniu autores que se empenharam em construir uma reflexão teológica que toma como ponto de partida a comunidade negra, com o título: *Existe um pensar teológico negro?*. O livro foi também organizado por Antônio Aparecido da Silva. A partir da interrogação contida no título da obra, os textos buscam afirmar a existência e desenvolvimento de uma tradição teológica negra, visto que já “nos anos 70, James Cone mostrou que era não só legítimo, mas necessário e oportuno refletir na teologia em chave de negritude e vice-versa. Hoje, na África e na diáspora, não há dúvida quanto à legitimidade e necessidade da Teologia Negra” (GRUPO ATABAQUE, 1998, p. 5).

Assim como aconteceu nas consultas anteriores, as discussões da III Consulta Ecumênica de Teologia Afro-americana e Caribenha no 2003, com tema “*Teologia Afro-americana: Avanços, Desafios e Perspectivas*”, o Grupo Atabaque, desde 1980, vem contribuindo com a organização dessa atividade, sempre a luz do primeiro objetivo, ou seja, dar continuidade às discussões iniciadas na primeira consulta. Esse trabalho gera mais um livro, em 2004, *Teologia Afro-americana II: Avanços, Desafios e perspectiva*, organizado por Antônio Aparecida da Silva e Sônia Querino dos Santos (SILVA, 2004, p.7).

Entre os anos de 2003 e 2004, é essencial mencionar a contribuição do pastor luterano estadunidense, o professor Peter Nash (1953-2019) da EST, acerca de uma hermenêutica bíblica negra no período em que residiu no Brasil (1995-2003). A contribuição do teólogo Nash ao desenvolvimento da Teologia Negra no Brasil abordada em um dos seus livros, destaca a questão de gênero na particularidade hermenêutica histórica e religiosa da mulher negra. O livro foi intitulado *Abrindo Sulcos: para uma teologia afro-americana e caribenha*. Os organizadores da obra reconheceram o estabelecimento de uma tradição teológica negra, onde se situam e vislumbram o seu potencial em quebrar as barreiras da hegemonia teológica ocidental:

Vivemos num período fértil do pensar teológico negro. Negras e negros no Brasil, na América Latina e no Caribe, nos vários países da África e na América do Norte estão refletindo teologicamente a partir das suas próprias comunidades e suas próprias experiências e tradições. Através deste pensar teológico o evangelho está alcançando novas regiões, não somente nas comunidades negras, mas também entre outras comunidades das pessoas que antigamente não se reconheciam no convite do evangelho embranquecido (LÓPEZ; NASH, 2003, p. 7).

Na esteira de um desenvolvimento teológico negro durante o processo de pesquisa e escrita do presente trabalho, destaca-se um salto no tempo. As contribuições e eventos de relevância sobre a Teologia Negra saem de 2004 e chega-se ao ano de 2009, com uma certa escassez de produção acadêmica que possa mostrar mudanças na caminhada da teologia negra.

Sendo assim, a partir de 2009 até 2019, alguns eventos trouxeram de volta a contribuição acadêmica no desenvolvimento e crescimento da Teologia Negra no Brasil. Vários artigos e livros destacaram-se ao longo desses anos. Podemos citar alguns de maior relevância:

Em 2009, o artigo *Hermenêutica e Teologia Negra*, de Eneida Jacobsen e Ezequiel de Souza (JACOBSEN; SOUZA, 2009). Segundo os autores, a interculturalidade assume uma postura crítica em relação a essa homogeneização, manipulação e silenciamento das diversas culturas: “A interculturalidade é uma proposta de intercâmbio cultural que pressupõe o fim das ‘trocas desiguais’ entre as culturas rumo à interculturalização” (JACOBSEN; SOUZA, 2009, p. 12).

Já em 2010, José Geraldo Rocha, em seu artigo *E Deus se fez negro*, trabalha o papel do negro enquanto sujeito teológico. O autor realiza sua análise a partir das canções executadas pelos Agentes de Pastoral Negros, em que se evidencia um pensamento que

relaciona Deus e negritude, destacando a importância dos Agentes em sua dimensão estética musical, como um elemento fundamental para uma compreensão na perspectiva negra (ANDRADE, 2020, p. 15).

Josuel dos Santos Boaventura, no seu artigo *O pensar teológico numa perspectiva afro-americana e caribenha*, 2012, apresenta o contexto histórico e elementos da formulação de uma Teologia Negra na América Latina. Para ele, o problema do racismo, negligenciado pela teologia europeia, foi um dos principais fatores para o surgimento de uma Teologia Negra. Destaca-se também a importância do Concílio do Vaticano e das Conferências Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979), (BOAVENTURA, 2012, p. 140).

Outro artigo de destaque foi o de Ezequiel de Souza, publicado em 2014, com o título *Desafios contemporâneos para a Teologia Negra no Brasil*. O texto apresenta a problemática do racismo na estrutura da sociedade brasileira em seus vários momentos, quer seja na legitimação do racismo pela ciência no pós-abolição, quer seja no discurso da modernidade e o mito da democracia racial durante o Estado Novo e a sua persistência durante o período civil-militar.

No artigo *Por uma Teologia Negra no Brasil*, publicado em 2017, Leontino Faria dos Santos expõe um texto de caráter propositivo, justificando a necessidade de uma Teologia Negra no Brasil. Ele defende uma atuação da Igreja no combate ao racismo na atualidade. Para isso, lança mão da História para traçar um retrospecto do racismo no Brasil, o que vai ajudar por meio de pressupostos a justificativa para a existência de uma nova perspectiva teológica no país, uma reflexão teológica negra. O texto traz também uma denúncia sobre a “responsabilidade de interpretações teológicas europeias que legitimavam o racismo, a colonização e a escravidão, a exemplo da associação entre o povo negro e a maldição de Cam”, (ANDRADE, 2020, p.17) que autorizavam tanto católicos como protestantes a conquistar e escravizar os povos negros considerados pagãos.

No mesmo ano, o teólogo Ronilso Pacheco, em seu artigo, *A Teologia Negra no Brasil é Decolonial e Marginal*, vai trazer uma guinada no desenvolvimento da Teologia Negra no Brasil, ao propor um diálogo entre Teologia Negra e o pensamento decolonial²²,

²² Entendendo a decolonialidade, a partir de Ramón Grosfoguel, como a potencialização de uma reflexão e de uma “resposta epistêmica dos subalternos ao projeto eurocêntrico-estadunidense, hegemônico, seja na teologia, na política, seja nas relações sociais e formas de presença no mundo, mas que, sempre, se encontram na fronteira (nas margens)” (PACHECO, 2017, p. 238), o autor caracteriza a Teologia Negra no Brasil como uma teologia decolonial por estar inserida nesse conjunto de “reações” com leituras feitas a

devido às aproximações das respectivas reivindicações hermenêuticas e de lugar histórico, social, político e cultural dos sujeitos que lhe dão voz.

Em 2019, duas importantes obras impulsionam a Teologia Negra no Brasil, o livro *Teologia Negra: o sopro antirracista do espírito*, de autoria de Ronilso Pacheco, uma das fontes do respectivo trabalho. Nessa obra, três pontos importantes para leitura: a menção ao senhor Agostinho José Pereira e sua igreja negra, “o Lutero Negro”, fundador da Igreja Divino Mestre, com membros negros e teologicamente negra, em 1841 no Recife, que pode ser, segundo Pacheco, a primeira igreja protestante no Brasil; a apropriação da teoria decolonial em sua hermenêutica teológica, a qual já trabalhou no seu artigo *A Teologia Negra no Brasil é decolonial* (2017). Por fim, o terceiro ponto é a constatação em relação à ausência de intelectuais negros e negras, e intelectuais que pensaram sobre a realidade do negro e da negra, na produção teológica negra. Um outro tema que Pacheco trabalha em seu livro é a centralidade do corpo negro na Teologia Negra, a corporeidade como condição *sine qua non* da hermenêutica teológica, como sugerem os teólogos negros (ANDRADE, 2020, p.73-74).

Diz o autor:

O *corpo* também é central na Teologia Negra. Não seria Teologia Negra se a dimensão do corpo não ocupasse um lugar chave de reflexão e fazer teológico. É com o corpo que a Teologia Negra confronta as tentativas de abstração do ministério de Jesus. Sim, Filho de Deus, um com a primeira pessoa da Trindade, mas homem, humano, com carne e sangue. Os discursos teológicos sobre o povo negro é que ele era desprovido de alma, mas a prática de violência e vexação que este discurso produzia e legitimava era imputado sobre o corpo. O cristianismo ocidental europeu se deu ao direito de divergir sobre o lugar do corpo. A Teologia Negra não tem esse direito. Porque, para ela, a revelação tocou o corpo, e o compromisso de libertação do Deus libertador veio operar sobre o corpo (PACHECO, 2019, p. 74).

O outro livro publicado em 2019, tem como título *Teologia e Negritude: os deslocamentos da Teologia a partir das experiências negras*, tratando-se de uma coletânea de textos organizada por Emiliano Jamba Antônio João e Rogério Donizetti Bueno. O livro é fruto das reflexões desenvolvidas no grupo de Teologia e Negritude, de Campinas/SP, vinculado à Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL). Dentre os seis textos que compõem o livro, destaque para o texto: *Pentecostalismo e Negritude*:

partir da margem, descentralizando a narrativa, considerando que “as fronteiras não são somente um espaço onde as diferenças são inventadas, são também lócus enunciativo de onde são formulados conhecimentos a partir das perspectivas, cosmovisões ou experiências dos sujeitos subalternos” (PACHECO, 2017, p. 238).

Caminhos para uma pneumatologia integral, assinado por Emiliano J. A. João e Ana Luísa Belisário Leite, a tônica da reflexão está na presença hegemônica de negros nas igrejas pentecostais brasileiras, onde, por outro lado, não é desenvolvida uma teologia em perspectiva negra:

Do ponto de vista teológico, ainda que de forma empírica, concluímos este tópico afirmando que é certo dizer que a cara das igrejas brasileiras na atualidade, em especial na periferia, é negra, é mulher e é pobre (ao menos em nível de membresia o que difere e muito em nível de liderança), todavia, sua teologia é branca (JOÃO; LEITE, 2019, p. 142).

3.5. Desdobramentos da Teologia Negra da Libertação no Brasil

Percebe-se a partir dos textos acima, que à Teologia Negra do Brasil, tem um grande desafio nessas primeiras décadas do século XXI:

(...) como fomentar uma hermenêutica teológica negra em igrejas que, a despeito da forte presença afrodescendente, demonizada a cultura africana e afrodiaspórica? Essa realidade também nos mostra que a simples presença de pessoas negras em uma determinada denominação religiosa não garante uma reflexão crítica que correlacione a mensagem cristã às questões existenciais de sua época, visto que o racismo estrutural condiciona os sujeitos a reproduzirem a hermenêutica dominante do grupo que possui os poderes políticos e econômicos (ANDRADE, 2020, p.75).

Diante disso, compreende-se que a Teologia Negra, em seus diversos contextos e guardada as suas particularidades, apresenta-se como uma teologia que bebe da experiência histórica do povo negro, que vive à margem dos poderes de ordem político, econômico e epistemológico hegemônicos, sempre afetada pelo racismo estrutural, condição que se torna determinante para exercer a sua particularidade e originalidade de uma perspectiva teológica própria.

Conclusão

A partir do que foi revisto, o que se pode aferir sobre a Teologia Negra no Brasil? Em primeiro lugar, a sua constituição hermenêutica, correlacionando a mensagem cristã às questões existenciais de sua época, que vai apropriar-se em grande parte de tradições hermenêuticas teológicas, como: a Teologia Negra estadunidense, Teologia da Libertação latino-americana e da Teologia Feminista latino-americana, enquanto interpretações criativas da realidade em que está inserida. Num segundo momento: “isso nos mostra que a apropriação crítica das reflexões concernentes à raça, à classe e ao gênero, toma como referência as hermenêuticas teológicas mencionadas, mantendo a luta antirracista como o ponto de partida”(ANDRADE, 2020, p.76).

Diante do que foi abordado até aqui, compreende-se que a Teologia Negra, em seus diversos contextos e guardada as suas particularidades, apresenta-se como uma teologia que bebe da experiência histórica do povo negro, que vive à margem dos poderes de ordem político, econômico e epistemológico hegemônicos, sempre afetada pelo racismo estrutural, condição que se torna determinante para exercer a sua particularidade e originalidade de uma perspectiva teológica própria.

Para tanto, o capítulo seguinte abordará o Impacto da Teologia Negra no Brasil e na vida do negro(a) brasileiro, apontando traços e elementos da presença desta teologia, os impactos possíveis na vida dos negros(as), bem como o seu papel por uma emancipação cidadã e teológica, e algumas personalidades que lutaram e lutam por uma Teologia Negra Brasileira.

4. IMPACTO DA TEOLOGIA NEGRA NO BRASIL E NA VIDA DO NEGRO(A) BRASILEIRO.

No terceiro capítulo veremos a Teologia Negra no Brasil enquanto uma teologia que emerge da experiência histórica de um povo negro, que considera o racismo estrutural que o vitimiza e a sua luta pela superação dessa condição. Descrevendo caminhos percorridos para que negros e negras militantes cristãos se sentissem mais pertencentes da Igreja, ressaltando suas demandas, desenvolvendo diálogos entre grupos religiosos e a sociedade civil. Se possível com o propósito de tornar visível a cultura e identidade afro, dentro de um diálogo inter-religioso, que propicie uma maior interação com as religiões de matriz-africana.

A Teologia Negra é, em última análise, uma teologia que tem os seus olhos voltados para um segmento humano que escreveu grande parte da história das civilizações latino-americanas, com o desperdício de sangue e suor. Ela é orientada pelos princípios de Libertação e Justiça, de maneira que esta perspectiva teológica empreende um discurso religioso a partir de uma hermenêutica da mensagem cristã “dialeticamente relacionada com a situação histórico-cultural da qual faz parte, objetivando uma transformação concreta na realidade histórica, ao compreender a revelação bíblica como a intervenção divina na história para a libertação dos oprimidos” (ANDRADE,2020, p.9).

Foi e continua sendo formulada por sujeitos subalternizados em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural e heranças culturais e sociais da colonização e escravidão, e inscritos na tradição cristã negra. Essas mazelas (racismo) fazem parte do que o Papa Francisco chama de “As sombras do mundo fechado” no capítulo I (n.9-55) da *Encíclica Fratelli Tutti*, apresentando algumas tendências do mundo atual que atrapalham ou mesmo impedem a fraternidade universal.

Deduz-se daí que a Teologia Negra se caracteriza como uma “*teologia engajada contra os poderes opressores identificados nas hegemonias política, econômica e social europeia e euro-descendente*” (grifo dos autores deste trabalho). De certo modo, a teologia reconhece que, além da filiação divina sobrenatural, (dada a cada um pelo batismo), existe também uma filiação natural, que faz todos irmãos, pois todos são filhos do mesmo Pai. Assim afirma o teólogo Dom Estêvão Bittencourt OSB:

Todo ser humano, pelo fato de ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, é filho de Deus. Os vestígios desta filiação se encontram na

realidade mesma do ser humano: em todos existe a sede do Infinito, do Absoluto (muitas vezes mal entendido), todo homem pode reconhecer Deus como o Autor deste mundo e Pai da sua vida. Com outras palavras: todo homem aspira a algo de melhor do que aquilo que ele tem... aspira ao Bem que não se acaba, embora sem sempre saiba como atingir este Bem. Tais são as marcas do Criador ou de Deus, que se imprimem em toda criatura feita à imagem do Pai Celeste (Pergunte e Responderemos n. 547, janeiro de 2008, p. 10-11).

4.1. Traços e elementos da presença de uma Teologia Negra no Brasil.

De acordo com Rafael Evaristo da Silva, “o pensamento teológico negro não é uma outra teologia ou fragmento dela mesma, mas ao enfrentar um problema singular e complexo, no que diz respeito a população negra a teologia adequa-se a nova hermenêutica bíblica”(SILVA, 2021, p.5).

Ao se falar de traços e elementos de uma Teologia Negra no Brasil, não tem como não pensar no desafio que é reconhecer as características que a identifica e a difere. Cabe a tarefa de apresentar a Teologia Negra “para além dos esteriótipos lançados sobre ela”. Nela percebemos “o exercício hermenêutico e exegético comprometido e assumidamente parcial, pois nela tem história e lugar, e estas são as histórias, as trajetórias e as vivências do povo negro”(PACHECO, 2019, p.47). Só é possível ver esses traços e elementos de uma Teologia Negra se olhar “para além dos esteriótipos” e refletir sobre o que é ser negro:

A Teologia Negra é uma teologia do povo negro e para ele, um exame de suas estórias, contos e ditos. É uma investigação da mente feita nas matérias-primas de nossa peregrinação contando a estória de como “nós vencemos”. Para a teologia ser negra, ela precisa refletir sobre aquilo que significa ser negro (CONE, 1985, p.27).

Por isso, que a Teologia Negra, enquanto fazer teológico, interpreta a Bíblia, a tradição da Igreja e os elementos do Cristianismo, a partir de uma articulação com várias chaves hermenêuticas que moldam o discurso proferido pelos teólogos e teólogas negros, com uma preocupação em inserir a referida teologia no contexto cristão.

Falar sobre o pensamento da Teologia Negra requer necessariamente abordar a história de um povo negro, de sua cultura e história. Com isso este trabalho deseja afirmar que só se pode fazer teologia se levar em conta o conhecimento histórico da humanidade, de suas tradições religiosas presentes nessa relação entre fé-cultura (ANDRADE, 2020). Não existe Pensamento Teológico Negro “que não tome a experiência negra como fonte para seu ponto de partida” (CONE, 1985). Pode-se observar que até na origem da

evolução do pensamento cristão, a experiência de fé das comunidades negras encontrava-se lá, e isso é um fato histórico.

Como já apresentado anteriormente, a Teologia Negra no Brasil, a princípio, se constituirá hegemonicamente entre católicos. Por esse motivo, neste capítulo, dar-se-á uma devida atenção às inovações eclesiais e teológicas na Igreja Católica na América Latina que, de certo modo, contribuem para um posterior surgimento de uma hermenêutica teológica negra no Brasil.

O Concílio Vaticano II (1962-1965), que teve como objetivo discutir a atualização da Igreja Católica em relação ao mundo moderno, trouxe em um dos seus principais documentos, a constituição pastoral sobre o papel da Igreja no mundo contemporâneo, um trecho significativo, ao qual destacamos a seguir:

É dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado a cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu caráter tantas vezes dramático (GAUDIUM ET SPES, 2011, p. 9).

O teólogo negro brasileiro Antônio Aparecido da Silva (Pe. Toninho), em sua “reflexão teológica pós-conciliar” percebe que, desde a experiência histórica dos pobres, há uma abertura a novos sujeitos teológicos, incluindo negros, mostrando-se mais sensível e aberta às novas situações emergentes: negros, mulheres e indígenas (SILVA, 1997).

Dessa forma podemos afirmar que, com o impulso renovador do Concílio Vaticano II, de modo particular a Conferência de Medellín, que começa a se pensar a prática pastoral, mas é em Puebla que se vê uma opção pastoral libertadora, que menciona a realidade dos afrodescendentes (PUEBLA n.34).

Neste sentido, percebe-se uma tradição de sensibilidade pela realidade dos negros, e, posteriormente, também pela realidade dos pobres, que vem de Medellín (1968) a Aparecida (2007), e esse impulso e dinamismo têm como base de lançamento o Concílio Vaticano II. Com esse Concílio, vê-se florescer novas práticas eclesiais e pastorais, além de possibilitar uma nova compreensão da ação evangelizadora, que forneceu, também, elementos para uma leitura mais dinâmica da história da igreja em suas diversas regiões mundo a fora. O documento *Ecclesia in America* também reforça o compromisso para

com os afro-americanos e sugere o desafio da formação de agentes de pastoral competentes, capazes de fazer uso de métodos já legitimamente inculturados na catequese e na liturgia. Tal orientação também faz referência aos povos indígenas (*Exortação Apostólica Ecclesia in América*, n. 64).

Tudo isso vai impor ao Concílio Vaticano II grandes desafios, os quais permanecem nos tempos hodiernos. Podemos citar como um dos maiores desafios a construção da solidariedade, que, segundo o Papa Francisco, “é o caminho para sair melhor da crise” (*Fatelli Tutti*, educação para a solidariedade, p. 1-5), também lembrada por São João Paulo II na *Encíclica Sollicitudo rei socialis*, “o princípio de solidariedade torna-se mais do que nunca necessário, pois mesmo vivendo numa mesma ‘aldeia global’, onde tudo está interligado, nem sempre transformamos em solidariedade esta interdependência”.

Essa é uma prática até então muito apreciada pelas populações marginalizadas (pobres, desempregados, homossexuais, travestis, imigrantes, negros, deficientes, idosos, entre outros), sobretudo pela comunidade afro-americana. Essa ação evangelizadora da perspectiva população negra deve começar pela solidariedade (SILVA, 2013).

Já que o falar sobre Teologia Negra requer, necessariamente, abordar a história de um povo negro, de sua cultura e história, podemos citar como início de traços e elementos de uma presença da teologia negra dentro da história do povo negro brasileiro, as congadas e as irmandades negras, os quais não serão aprofundados neste estudo, mas apenas uma referência do seu papel na história será realizada a seguir.

Um dos muitos resultados da diáspora africana é a presença nas Américas de Reis Negros, representantes de grupos étnicos específicos, presentes no interior dos quilombos e de irmandades católicas negras. Nessas irmandades, também, os Reis Negros tornam-se referências daquilo que no Brasil, tempos depois, resultou nos festejos das Congadas (LOPES, 2004).

A cultura afro-brasileira é rica em música e dança, que se estruturam a partir de duas matrizes básicas africanas, Congolesa e Iorubana. A primeira (Congolesa) sustenta a espinha dorsal dessa música, que tem no samba sua face mais exposta. A segunda (Iorubana) molda, principalmente, a música religiosa afro-brasileira e os estilos dela são decorrentes de folguedos, a exemplo das Congadas, das Folias, dos Afoxés e, também, dos Candomblés, da Umbanda e de suas diversas ramificações religiosas. Alguns desses estilos são marcados por cortejos de rua, como Afoxés, Congadas, Folias e Folguedos,

que preservam em seus instrumentos a musicalidade e a dança desses dois grupos africanos (LOPES, 2004).

Detendo-se a uma dessas festas de cunho afro-brasileiro citadas, a Congada é um destes festejos que fazem parte das festas populares que tiveram influências culturais dos negros da etnia Banto. A Congada também pode ser denominada de congado, congos, bailes de congo, entre outras denominações, as quais são variantes conforme cada região. O princípio básico da congada é “a evocação de lutas entre grupos hostis através da dramatização de embaixadas de guerra e paz” (Lopes, 2004, p. 202). Nesse sentido, é correto afirmar que, em algumas localidades, a Congada é apresentada apenas com cantorias e danças, sob a sonorização de instrumentos de percussão. No que concerne à definição de Araújo (2004), a Congada é uma festa formulada pelos negros e ministrada pela Igreja.

Segundo Lisboa & Silva (2017), as irmandades católicas têm uma função primordial na produção destas manifestações. Nesse sentido, faz-se importante destacar que as Congadas são festas interligadas as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e de Santa Efigênia. Foram através destas irmandades que possibilitaram, grosso modo, a reorganização e a busca da memória e da identidade dos negros de origem Banto. Dessa forma, pode-se afirmar que as Congadas, disseminadas pelo Brasil, nasceram no interior destas instituições religiosas.

No que se refere mais especificamente às festas afro-brasileiras, pode-se perceber que é um espaço privilegiado de resistência cultural e inversão de valores, pois foi nas festas que muitos negros escravizados expressaram elementos de sua cultura, adaptando-se ao ambiente e às condições encontradas no Brasil, construindo a cultura afro-brasileira. Através disto, os negros escravizados resistiram às diversas formas de opressão, também, por meio das festas.

Silva (2013) afirma que nas CEBs já se encontrava o germe de um novo modo de Ser-Negro, de fazer a reflexão teológica, o que pressupõe a obrigatoriedade de inserção na cultura e nas práticas de religiosidade das comunidades negras. Isso leva à busca pelo lugar do sujeito pelo qual optou-se neste estudo, compreendendo o estado de pobreza generalizado em que vive o povo afro-brasileiro, cabendo à Igreja um setor que se comprometa numa opção preferencial. A partir de um lugar eclesial, as CEBs surgem como instrumentos articuladores dos pobres e dos negros e negras pobres e, é neste ponto, que o negro começa uma nova etapa da sua história, reconhecendo-se como grupo étnico e de fé com suas especificidades.

Outro momento que se percebe traços de uma Teologia Negra foi na criação da Pastoral Afro, exatamente, na década de 1970, em um tempo efervescente e inserida em um contexto global marcado pelos conflitos da Guerra Fria e pela realização do Concílio Vaticano II, também marcada por uma conjuntura regional latino americana manifesta pelas Conferências de Medellin, de Puebla e das ditaduras militares, onde se via as violências que se faziam presentes e atuantes na sociedade, assim como a configuração de um movimento voltado para refletir a “questão do Negro da Igreja” que se iniciou no seio da Igreja Católica brasileira (BAPTISTA, 2015).

Cronologicamente, a Pastoral Afro-Brasileira constituiu-se dentro da Igreja Católica, por volta de 1978, dentre outros fatores um reflexo do Vaticano II, mas, principalmente, em consequência da Conferência de Puebla. Em comunhão com a missão da Igreja no Brasil, os afro-brasileiros assumem as Diretrizes e as Linhas de Ação contribuindo com a atividade evangelizadora na inculturação do Evangelho.

A Pastoral Afro-Brasileira integra a Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz e as demais Pastorais Sociais da CNBB e tem um Bispo como referencial.

A Pastoral Afro atua, preferencialmente, no diálogo inter-religioso com a religião de matriz africana. O africano é uma pessoa essencialmente religiosa. A concepção religiosa africana é complexa. Para se compreender a visão de mundo dos afro-brasileiros, faz-se necessário conhecer um pouco as culturas e as religiões dos povos africanos. (CNBB, 2007, p. 22).

Existem outros grupos de ação que estão ligados à Pastoral Afro-Brasileira:

Agentes de pastoral negros (APNS). Desde a década de 1980, vem acontecendo a caminhada dos APNS, que são leigos e leigas que vivem o compromisso de batizados prestando serviço nas diferentes ações da Igreja. Eles organizaram-se como agentes negros não a partir de uma perspectiva sectária, mas para aprofundarem o seu pertencimento à Igreja como membros de uma tradição que é milenar.

Grupo de religiosos e religiosas negros e indígenas (GRENI). Esta organização está ligada à caminhada da CRB, Conferência dos Religiosos do Brasil. É uma organização ligada à vida da Igreja e assume a especificidade de enriquecer a mística e a espiritualidade da vida religiosa com os elementos próprios das tradições indígenas e africanas.

Articulação de Bispos, Presbíteros e Diáconos Negros (Instituto Mariama). A caminhada dos bispos, padres e diáconos negros começou em 1988. O Instituto Mariama

é a entidade que representa oficialmente esta articulação de alcance nacional e tem entre as suas finalidades colaborar para com a formação dos agentes de pastoral negros, em especial bispos, presbíteros e diáconos negros católicos do Brasil para que sejam solidários e possam estar presentes em meio à população mais fragilizada, contribuindo para a formação integral de crianças, jovens e adultos.

Grupo Atabaque – Cultura Negra e Teologia, que é formado por teólogos e outros intelectuais que se propõem a refletir as questões de negritude ligadas à teologia e é um grupo ecumênico.

O Congresso Nacional das Entidades Negras Católicas (CONENC), que acontece a cada dois anos, com amplitude nacional, e conta com representantes dos regionais da CNBB. Dessa forma, a Pastoral Afro deve despertar em toda a Igreja o cuidado com essa gente sofrida. É o povo que constitui uma das raízes da identidade da gente latino-americana e conduzi-lo à libertação plena e integral é a finalidade da Pastoral Afro. Como Igreja, há o desafio de “conhecer os valores culturais, a história e as tradições dos afro-americanos, entrar em diálogo fraterno e respeitoso como eles, é um passo importante na missão evangelizadora”(DAp,2007, n.532).

As atividades da Pastoral Afro-Brasileira têm significado uma riqueza na missão evangelizadora da Igreja no Brasil. Os frutos que se colhem, atualmente, são resultado de um processo de décadas em que muitos líderes se empenharam em fazer da Igreja o espaço também do povo negro. Nisto há um importante referencial, a Campanha da Fraternidade de 1988, que trazia o tema a “Fraternidade e o Negro” e o lema “Ouvi o clamor deste povo”.

Em 22 de novembro de 1981, um evento incomum e pertinente sobre este tema de estudo teve vasta repercussão na cidade do Recife-PE. Trata-se da Missa dos Quilombos, uma celebração dirigida, especialmente, aos descendentes de africanos no Brasil, como parte das atividades do Dia Nacional da Consciência Negra daquele ano. A solenidade revelou uma aproximação de clérigos ligados à Teologia da Libertação com o recém-organizado Movimento Negro Brasileiro, com uma conjuntura em que a questão racial impôs aos teólogos uma revisão da prática católica à luz do passado da opressão escravista e das ações concretas de discriminação racial do presente que afligem a população negra (CARVALHO; FLORES, 2021).

Assim, levanta-se a hipótese de que a Missa dos Quilombos cumpriu a importante tarefa de inclusão e valorização de elementos afro-brasileiros no ritual católico,

lembrando que a proposta de inculturação ainda começava a ser discutida, sendo aprovada apenas em 1992, na Conferência de Santo Domingo.

Outro evento muito importante para toda a comunidade negra brasileira, além da Missa dos Quilombos, foi a Campanha da Fraternidade de 1980, fruto de um movimento em prol da igualdade racial que tomou espaço dentro da igreja. Essa militância dos negros cristãos fez com que surgissem o Grupo de Agentes de Pastoral Negros, que articulou e reivindicou que a CNBB dedicasse a Campanha da Fraternidade²³ de 1988 aos negros, em virtude da comemoração aos 100 Anos da Abolição da Escravatura. O objetivo foi alcançado e, assim, ela concretizou-se com o tema: “Fraternidade e o Negro”, com o lema: “Ouvi o clamor deste povo”. Foi a oportunidade de exprimir os anseios e demandas que assolam os negros e negras até os tempos hodiernos, em virtude também dos resquícios deixados pelo período da escravidão e pelo racismo estrutural.

A Pastoral Afro-brasileira procurou que os seus Agentes de Pastoral, num contexto teológico, onde se valoriza as experiências das comunidades e o compromisso com os mais pobres e, assim, desenvolvesse um processo de formação onde confronta a fé com as injustiças feitas aos pobres. Essa teologia é a partir de um novo lugar social e daí surgem alguns sinais que revelam uma espiritualidade. (Araújo, 2015, p. 01).

A Campanha de 1988 chamou a atenção para as demandas e vulnerabilidades do negro, que carrega consigo uma história de luta, resistência e persistência, tanto na sociedade quanto dentro da Igreja. Embora fora um marco histórico, a Campanha da Fraternidade não obteve êxito em todos os Estados do Brasil, como por exemplo no Rio de Janeiro, que foi o maior exemplo dessa falta de não-aceitação do diálogo racial dentro da igreja, o que fez com que o Estado desse uma nova roupagem para a campanha.

O bispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales, não aceitou as diretrizes propostas pela CNBB e, pela primeira vez, uma diocese realiza uma campanha com tema diferente do nacional. Padre José Enes de Jesus disse que “foi um momento difícil, porque alguns bispos não aceitavam que falasse de negro na Igreja, então muita coisa foi cortada, a gente foi costurando acordos” (Oliveira, 2011, p. 63).

²³ Campanha da Fraternidade: é um dos preciosos dons com que Deus agraciou a Igreja no Brasil. Temos plenas condições de fazê-lo render muitíssimo mais em termos de processo evangelizador e, também, de sustento das atividades pastorais da CNBB Nacional e Regional, além do atendimento ao Gesto Concreto ligado ao tema de cada ano. (Texto base da Campanha da Fraternidade de 1988).

A dificuldade que a diocese do Rio de Janeiro teve para aceitar falar sobre a questão racial ainda é vista em tempos hodiernos, ou seja, expor a situação social e política de desigualdade que o negro estava e, às vezes, ainda está, exposto e da Igreja Católica de amenizar essas questões no seio da igreja. Com isso, o Estado do Rio de Janeiro, naquela época escolheu como lema para sua Campanha da Fraternidade de 1988 a frase: “Várias raças, um só corpo”.

Observa-se que, as ações concretas que a Igreja Católica realiza através da Campanha da Fraternidade, conforme a referida CF de 1988, visa além de um pedido de perdão à população negra, como almeja também a superação do racismo dentro da Igreja, mesmo que velado, ainda faz parte da instituição. O texto base da Campanha apresenta algumas pistas para que se alcance esse objetivo, citando ações como: a caridade em ação, revisão da linguagem e de atitudes preconceituosas, releitura da história da população negra e a solidariedade com os negros de outros países (OLIVEIRA, 2018).

O teólogo Ronilso Pacheco (2019), em seu livro “Teologia Negra o sopro antirracista do espírito”, a partir do seu contato com as diversas teologias negras, especificamente, a norte-americana, a africana, a caribenha e a latino-americana, sintetiza cinco características evidentes de uma Teologia Negra a saber:

A territorialidade, que é local em que se dão experiências e a construção de sua história. “O povo negro reivindica do território não apenas a sua paisagem e natureza, mas a força, a energia, o axé vital ou, em outras palavras evidentes, reivindica sua dimensão religiosa e espiritual que move e inspira sua vida. O território é solo indissociável da manifestação do povo negro” (PACHECO, 2019, p. 64).

Segundo Oliveira (2021), a Teologia Negra tem uma característica territorial justamente por isso, por ser uma maneira de reconexão com o sagrado a partir da vida de Cristo, tendo a terra habitada como ponto de partida.

Por isso a Teologia Negra se mostra também comprometida em refletir a favela, a periferia, o campo, os quilombos, os assentamentos, as reservas indígenas, os demais territórios. Uma certa “geografia bíblica” sempre foi importante para a teologia clássica. (...) Mas para a Teologia Negra, também foi importante racializar estes territórios. Sim. Visto que o racismo e o pensamento antinegro, antiafricano, ocupou um lugar crucial nas construções teológicas do ocidente, fez-se necessário reivindicar que o povo negro estava na Bíblia, e não como “objeto passivo de conversão”, mas como protagonistas relevantes de grande parte da nossa história (PACHECO, 2019, p. 65).

A afrocentricidade é uma forma de colocar a África como referência, bem como as contribuições advindas deste continente com vasta diversidade cultural, religiosa e identitária. Não se entra em disputa nem em uma substituição da centralidade teológica como a teologia branca, mas sim uma “implosão do lugar central ocupado pela Europa, de tal maneira que não haja mais lugar central, mas uma convivência e equidade em perspectiva com o mesmo valor” (PACHECO, 2019, p. 66). Continua Pacheco, “ter a África como referência é trazer a geografia bíblica para o centro da discussão sobre a Revelação na história”.

A ancestralidade e a tradição trazem a memória de como os negros chegaram no Brasil.

Nossos ancestrais negros em diáspora conheceram a violação, a vexação, o deserto enquanto suas terras eram sumariamente invadidas e controladas. Um dismantelamento de famílias que nunca mais voltaram a se reencontrar, seus corpos foram produtos finos do degradado comércio de tráfico humano, com atenção especial para as muitas, milhões, de mulheres negras violentadas, queimadas acusadas de feitiçaria ou testemunhas de morte dos filhos e companheiros (PACHECO, 2019, p. 70-71).

Pacheco afirma que a Teologia Negra tem Jesus como seu arquétipo, diferenciando-se da forma como é visto nas teologias tradicionais. Jesus então é o ancestral para a Teologia Negra e aqui está o lugar da ancestralidade e da tradição. “A tradição quase sempre é evocada pelo saber e pela ‘norma’ que dita. A ancestralidade, por sua vez, quase sempre está ligada a quem deu corpo e vivência a esta tradição”(PACHECO, 2019, p.70).

A corporalidade tem lugar-chave na Teologia Negra, uma vez que o corpo negro é o corpo estrangeiro e é aquele determinado como o outro, logo é indesejável.

É o corpo, sempre o corpo nu, não apenas pela ausência de vestes, mas nu sem proteção à violência, aos maus tratos, corpo nu e indefeso diante do controle inclemente do estado e das incertezas, riscos e inseguranças da vida social” (PACHECO, 2019, p. 74).

A Teologia Negra não é alheia a forma como o corpo negro foi e é tratado ao longo de sua história e do povo negro. Ao ver o sofrimento de Jesus na cruz, percebe-se que ele sentiu as dores que o povo negro sentiu e ainda sente ao longo de sua história. Para Cone (1985), o fato de os brancos nunca terem passado pelo crivo da escravidão, do

racismo, não serem linchados e nem serem colocados em guetos por causa da cor, ao dar ênfase ao corpo (negro), pode-se achar que a Teologia Negra é uma “teologia militante”, que dá mais importância a questões da terra e as sociais. Visto assim, torna-se mais fácil entender por que a corporeidade tem lugar primordial aqui. O autor afirma que o corpo não é uma negação da espiritualidade e o que se dá no plano espiritual, mas, “é dizer que a história da revelação atravessa corpos, e não o ignora para valorizar exclusivamente a alma. No corpo há lutas. No corpo há sexualidade e há imaginação” (PACHECO, 2019, p.77).

Por fim, o autor destaca *a cosmovisão dialogal e inclusiva*, dando abertura ao ecumenismo, ao apontar que “não há qualquer possibilidade de conciliação entre a Teologia Negra e a demonização das demais religiões de matriz africana” (PACHECO, 2019, p.78), ao entender que o Espírito se revela onde quer. Ao reconhecer sua história, sua ancestralidade, bem como, a sua subjugação, usurpação e negação da espiritualidade do povo negro pelo colonialismo, ela abre-se à espiritualidade ancestral africana, na qual ela também se vê. Ao mesmo tempo, reconhece e dialoga com pluralidades e identidades do povo negro “dispersos pela diáspora e mantidas com todo zelo pelo Candomblé no Brasil, a resistência do vodu Haitiano, a santería cubana, o shango de Trinidad, o winti do Suriname”(PACHECO, 2019). Essa abertura da Teologia Negra ao ecumenismo é vista por Pacheco como movimento inter-religioso, o que a teóloga Marciel Mena López amplia o conceito ao afirmar um macro-ecumenismo.²⁴

4.2.Existe algum impacto da Teologia Negra na vida dos negros(as) brasileiros?

A partir de 1968, com as Conferências de Medellín e, mais tarde, com Puebla (1979), uma nova proposta de ação inicia, ou seja, passou-se a evangelizar a partir da situação concreta e histórica do povo oprimido e excluído. Este povo oprimido reunia, principalmente, negros e índios, e as articulações entre esses faziam-se necessárias. É

²⁴ De acordo com **López Mena**, no entanto, "não se trata de inserir símbolos de um universo religioso em outro, mas sim de assumir e respeitar as riquezas de culturas não hegemônicas. O diálogo com as religiões afroamericanas deve ser conduzido a partir do conceito de 'macroecumenismo', que busca superar os limites impostos pelo 'ecumenismo' (limitado às Igrejas cristãs) e 'diálogo inter-religioso' (que nem sempre expressa a necessidade de uma prática comum pela paz e pela justiça). O macroecumenismo implica respeito pelas diferenças religiosas e busca de ações comuns em favor de uma vida digna para todos e todas". Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/505912-cristaos-negros-e-nao-por-acaso>. Acesso 14 fev. 2021.

nesse contexto que começa a surgir grupos de base formados por negros e negras católicos que, em 1983, cria o grupo de Agentes de Pastoral Negros.

Em 1988, a CNBB, após muita pressão da comunidade negra católica, assume como tema da Campanha da Fraternidade: “A Fraternidade e o Negro”:

É interessante ressaltar que a CF coloca em evidência, no manual, a luta do povo negro por melhorias sociais, fala sobre o preconceito, a discriminação e a negação de sua identidade e cultura. Quando se refere à religiosidade, afirma ser o povo negro profundamente religioso: “em quase toda casa, há altarzinho, em lugar reservado com imagens, entre as quais a de Nossa Senhora do Rosário e a do Preto velho” – segue a explicação “(...) Nossa Senhora é a grande mãe. O Preto Velho tematiza os antepassados e a mãe – África (CNBB, 1988, p. 53).

Esse avanço foi resultado da mobilização das pastorais de base, projetando e impactando a vida dos negros(as) por meio do trabalho dos Agentes de Pastoral Negros, que conquistaram espaços para a reflexão sobre a condição sócio-econômica de homens e mulheres negras, além de despertar a Igreja à participação enquanto promoviam trabalhos que visavam o respeito à diversidade e a valorização da pluralidade cultural e étnica.

Para a comunidade negra, o ano de 1987 é considerado o ano de ouro dos negros católicos, com o despertar da consciência acontecendo em todos os cantos do Brasil. A aprovação e a preparação para a Campanha da Fraternidade de 1988 estava criando oportunidades. A Igreja, mesmo com seus conflitos, abria espaço para a ressurreição do povo negro. Era um novo momento na igreja, que agora atuava com os próprios negros(as) e alguns brancos(as) solidários, ao faziam valer o seu papel de evangelizadores integrais e inculturados, faziam com que se gestasse uma nova visão (SANTOS, 2007).

Com a chegada do ano de 1988, ano em que se escolheu como tema da Campanha da Fraternidade "A Fraternidade e o Negro", a Igreja teve uma bonita e profética atitude: reconhecer que ao longo da história do Brasil ela esteve mais à mesa da Casa Grande, almoçando com os senhores de fazenda, que nas senzalas, ajudando o povo a ler o evangelho da libertação, lutando por seus direitos (SANTOS, 2007, p. 137).

A Teologia Pastoral é outro exemplo de impacto da Teologia Negra junto à comunidade negra. Assim, ao vermos a Teologia Pastoral numa perspectiva afro-latino-americana, entendemos que ela, a pastoral, analisa a realidade a partir da fé (CNBB, Pastoral Afro-brasileira, p. 18), “ela é um zelo apostólico com o povo, que objetiva a

continuação da missão de Jesus, na plena vivência do Evangelho, como discípulos e imitadores de Cristo, atentas e atentos aos apelos do mundo, indo ao encontro das necessidades humanas” (CNBB, Pastoral Afro-brasileira, p. 16). A experiência do Reino de Deus é a pastoral e esta gera uma teologia encarnada no negro(a) latino-americano.

Diante desse quadro, a Igreja Católica voltou seu olhar para os Direitos Humanos, potencializado após a Conferência Episcopal Latino Americana, em Medelín, através do grupo da Pastoral Social. Essas Pastorais compunham o grupo que visa um compromisso social, com o propósito de intervir nas dimensões sócio-transformadoras da ação evangelizadoras da Igreja Católica no Brasil, e esse grupo é composto por pastorais que desenvolvem atividades em prol de transformações específicas de cada grupo em situação de vulnerabilidade social.

A Pastoral Social, por sua vez, tem como objetivo desenvolver atividades concretas que viabilizem essa transformação em situações específicas, tais como o mundo do trabalho, a realidade das ruas, o campo da mobilidade humana, os presídios, as situações de marginalização da mulher, dos trabalhadores rurais, dos pescadores, e assim por diante (CNBB, 2001, p.10).

Dentre essas Pastorais Sociais está a Pastoral Afro-Brasileira apontando a existência da desigualdade racial, que é uma das expressões da questão social mais latente e velada no Brasil. Os militantes negros cristãos estão atentos à desigualdade racial presente até mesmo dentro da instituição Igreja, o lugar onde deveria ser mais igualitária por princípios cristãos de que todos somos iguais.

A Pastoral Afro-brasileira procurou que os seus Agentes de Pastoral, num contexto teológico, onde se valoriza as experiências das comunidades e o compromisso com os mais pobres, e assim, desenvolvesse um processo de formação onde confronta a fé com as injustiças feitas aos pobres. Essa teologia é a partir de um novo lugar social e daí surgem alguns sinais que revelam uma espiritualidade (ARAÚJO, 2015, p. 01).

É perceptível os resultados provenientes de toda movimentação e articulação da Campanha da Fraternidade de 1988 nas vidas dos negros(as) brasileiros. Após esse evento, ficou mais latente a necessidade de se valorizar a cultura afro, ressaltando a identidade negra e a luta contra o racismo estrutural, através de ações concretas, como preconiza a Cartilha da Campanha da Fraternidade de 1988, e que, dentro da Igreja

Católica, se discorresse sobre a sua identidade, sua cultura e sua ancestralidade, para a qual a Pastoral Afro-Brasileira é a grande responsável.

A Pastoral Afro, portanto, está tentado transcender o espaço que lhe fora reservado, à promoção social do negro, ao querer intervir na liturgia (principalmente da missa), colocando elementos considerados próprios da cultura afro-brasileira. É, portanto, nessa tensão entre “sala” e “cozinha”, isto é, intervenção no rito litúrgico e a promoção social, que se encontra esse grupo. Esse aspecto se mostra já na constituição do grupo, tanto em Salvador quanto em São Paulo (OLIVEIRA, 2011, p. 91).

Como é notória a percepção de que Igreja Católica, bem como toda sociedade brasileira, sofre influência da cultura europeia, torna-se assim um grande desafio para Pastoral Afro-Brasileira, a qual precisa destacar e mostrar ainda mais a sua ancestralidade e a religiosidade do negro(a) na oração através das *Missas inculturadas*, trazendo elementos da cultura afro, conforme sinalizava o teólogo Padre Toninho. Ao entender que a religiosidade negra é aflorada, a Pastoral Afro-Brasileira entende que a realização das Missas inculturadas é uma das ações concretas que evidenciam a identidade negra, tornando-se um grande exemplo de como a Teologia Negra impactou a vida dos negros(as) no Brasil.

É de suma importância nesse momento os fatos sejam apresentados de maneira resumida, pois não caberia aqui aprofundar sobre tão importante e caro tema para a comunidade negra, como a “Inculturação litúrgica em meios Afro-Brasileiros”, claro que tudo à luz do magistério da Igreja Latino-Americana e Caribenha.

Visto que a liturgia é a ação culminante da Igreja, assim como base e fonte de onde ela extrai a sua vitalidade (cf. SC 10), ela é o centro da vida eclesial, a alma da sua missão evangelizadora. Em toda liturgia a ação simbólica ali desenvolvida é o próprio Cristo que, em sua misericórdia, faz todos participarem do seu mistério (SC 7).

É com o Concílio Vaticano II, que a realidade litúrgica toma outro rumo, ao observa-se o *Sacrosanctum Concilium* (n. 37-40), que possibilita variações e adaptações da liturgia à mentalidade dos diversos povos e culturas, pois a Igreja não deseja impor uma forma rígida e única na liturgia (cf. SC 37).

Incorpora ritos sociais ou religiosos, dando-lhes sentido cristão, sem desfigurar sua natureza. A própria liturgia romana assim se formou, incorporando, por exemplo, a festa pagã do Sol invicto na celebração do Natal. Por esta inculturação a liturgia se propõe continuar na História o milagre de Pentecostes quando, sob o impulso do Espírito, multidões entendiam a linguagem única do amor e

proclamavam as maravilhas de Deus, expressando-se cada um em sua língua (CNBB. Animação da vida litúrgica no Brasil, n. 179s.).

Devemos perceber o cuidado e zelo pastoral da Igreja, ao orientar as pessoas a terem uma maior sensibilidade junto às diversas culturas, que acolhem e celebram o mistério de Jesus Cristo. Ela chama a atenção de todos para “a importância de deixar o povo se exprimir com gestos, símbolos e dramatizações, em uma celebração litúrgica adequada ao seu universo mental. Pois o gesto corporal, exprime e estimula os pensamentos dos participantes” (Instrução Geral do Missal Romano, n. 20). É no mesmo espírito que o documento de Aparecida caminha ao afirmar que a inculturação “é vista como uma riqueza, pela presença de novas expressões e valores, manifestando e celebrando cada vez melhor o mistério de Cristo, conseguindo unir fé e vida e, assim, contribuindo para uma catolicidade mais plena” (Dap. 479).

Atentos ao zelo Pastoral da Igreja, urge um esforço sempre maior para fazer com que a celebração litúrgica esteja em sintonia com a identidade e as formas de comunicação próprias da gente (negra), possibilitando, assim, que a liturgia se expresse em símbolos e em linguagem própria dessas culturas²⁵. Portanto, observa-se, claramente, o posicionamento favorável do magistério da Igreja a respeito dos elementos culturais a serem levados em conta na liturgia. Dessa forma, os bispos latino-americanos e caribenhos, ao assumirem e levarem adiante o compromisso de por em prática as disposições do Concílio Vaticano II, na realidade do continente, reconhecem que: “entre nós os vários grupos étnicos, como os índios, os negros, os orientais, apresentam muitos desses elementos, que já merecem ser inculturados em nossas celebrações, sobretudo nos sacramentos” (CNBB. Animação da vida litúrgica no Brasil, n.183)²⁶. Isso, com certeza, será um grande impacto da Teologia Negra e na vida da comunidade negra no Brasil, pois esses ansiavam participar plenamente das celebrações litúrgicas, por entenderem que a forma como estas eram realizadas não levava em conta os valores de suas culturas. Para eles o que acontecia era que, o povo negro assumiu a liturgia cristã, mas esta não o assumiu. Os afrodescendentes sempre foram uma presença significativa na vida e na missão da Igreja, e sempre contribuíram de maneira alegre e dinâmica no processo

²⁵ Para saber mais: CNBB. Diretório para missas com grupos populares. doc. 11. n. 1.6. Podemos verificar ainda, ao número 1.2.3 do mesmo documento o seguinte: “Uma liturgia com o povo simples será tanto mais conforme ao seu gosto e capacidade e tanto mais proveitosa, quanto mais se encarnar em sua experiência vivencial” (Ibid., n. 2.3.1).

²⁶ Veja no Apêndice 06 os elementos das culturas afro-brasileiras, que estão em sintonia com a liturgia e que merecem ser contemplados nas celebrações.

evangelizador, o que reforça a ideia de que: em sua dinâmica ministerial, a Igreja é impulsionada a acolher novas maneiras de celebrar na liturgia a fé professada” (cf. CNBB. Animação da vida litúrgica no Brasil, n. 175).

Com toda certeza, sem desmerecer iniciativas anteriores, pode-se dizer que o esforço de inculturação na liturgia em meios afro-brasileiros tem seu marco na realização da Missa dos Quilombos²⁷, como presidente Dom José Maria Pires (Dom Zumbi), concelebrada por Dom Hélder Câmara e dezena de sacerdotes, na cidade de Recife, em 22 de novembro de 1981. Foi a partir dessa experiência que se sentiram impulsionados a continuar a caminhada, aprofundando o sentido de uma nova linguagem litúrgica, que pudesse resgatar os símbolos ligados à cultura negra. Embora não tenha avançado muito como se esperava, o que se viu foi:

(...) uma resistência por parte de pessoas de diversas comunidades e paróquias, as quais passaram a associar, principalmente, os instrumentos utilizados nas celebrações com os utilizados na macumba e no candomblé; a dança vista como um desrespeito ao lugar sagrado; a acentuação dos valores do Povo negro foi vista como um racismo ao contrário (ROCHA, José Geraldo da. Op. cit., p. 188).

Para Silva, o passo dado foi profético e traduzia os anseios de toda comunidade negra naquele momento, já que a mesma “não podia se reconhecer numa prática litúrgica que não assimilava nada da sua cultura. A liturgia verticalista e, excessivamente, racionalizada de matriz europeia não lhe dizia respeito” (SILVA, 1984, p.1s). A luta por um rito afro-brasileiro teve sempre apoio e incentivo da CNBB, quando esta fez uma solicitação do rito à Santa Sé, a resposta da Pontifícia Congregação para o Culto Divino foi que a proposta estava sendo estudada, conforme o n.40 da Constituição *Sacrossanctum Concilium* e que “algumas experiências podiam ser realizadas seguindo as linhas mestras do rito romano e segundo o bom senso dos bispos e padres negros”.

²⁷ A palavra quilombo é de origem africana e aqui no Brasil foi e continua sendo símbolo da resistência, refúgio de negros e negras que conseguiam fugir do cativeiro e aí viviam a plena cidadania. “Em 1981, mais, precisamente, em 22 de novembro, a “Missa dos Quilombos” foi cantada pela primeira vez na celebração eucarística presidida pelos arcebispos Dom José Maria Pires e Dom Hélder Câmara. O ato religioso, em memória do líder Zumbi e da resistência dos negros, foi celebrado no Recife, na Praça do Carmo. A letra da missa foi elaborada por Dom Pedro Casaldáliga e por Pedro Tierra. Milton Nascimento compôs a música e a executou na referida celebração. A missa expressa e sintetiza a memória coletiva do povo em sua caminhada histórica. Além da profundidade do texto da missa, a veemente homilia do Dom José Maria Pires, e a invocação de Dom Hélder Câmara à “Mariama”, constituíram os pontos altos da celebração” (SILVA, Antônio Aparecido da. APNs: a presença negra na igreja. In: ATABAQUE-ASETT. Op. cit., p. 17).

Ao olharmos o documento da Conferência de Aparecida percebe-se que “esforços têm sido feitos para inculturar a liturgia nos povos indígenas e afro-americanos” (Dap. 99), mas, contudo, tem sido um processo muito doloroso, um caminho tenso e conflitivo, porém, rico e necessário (cf. CNBB. Refletindo o rosto negro da Igreja: de Medellín à Aparecida, p.47). Os empecilhos encontrados estão ligados na falta de aprofundamento e de interesse por parte de lideranças eclesiais, as quais veem o processo com desconfiança, gerando impedimento que leve à descoberta da riqueza e do alcance dessa rica proposta para as celebrações. Entretanto, é bom deixar claro que:

(...) a celebração com adaptação de valores da cultura afro-brasileira não é uma ação litúrgica com elementos do folclore, ou seja, ritos e símbolos desligados da realidade. Ao contrário, é celebração da vida, da esperança e do clamor do povo negro sofrido e daqueles que padecem as mesmas penúrias (CNBB, Pastoral afro-brasileira, p. 52).

Ao longo dos anos, tem-se desenvolvido uma nova mentalidade litúrgica, em que muitas comunidades se tonaram mais dinâmicas e acolhedoras, experimentando um processo permanente de inclusão daqueles que se sentiam à parte. Somado a isso, o reconhecimento por parte de algumas autoridades eclesiais tem sido motivador, colaborando para o aprofundamento da dinâmica da inculturação, pois no fim, quem ganha é a própria igreja, com uma liturgia cada vez mais rica e ativa, conforme afirma a própria CNBB:

As celebrações a caminho da inculturação em meios afro-brasileiros têm encantado por sua dinâmica, beleza e fidelidade aos sagrados mistérios celebrados. Celebrações Eucarísticas, batizados, matrimônios, ordenações, votos religiosos e bênçãos têm sido ocasiões importantes para a prática da inculturação litúrgica tão estimulada pela Igreja, pois ela incide sobre a vida comunitária e ministerial, sobre a formação e reflexão teológica e as celebrações litúrgicas (CNBB. Pastoral afro-brasileira, p. 51).

É de grande importância e alento para a comunidade negra, especialmente, no Brasil, o documento de Aparecida, pois nele está descrito o resgate das características dos afrodescendentes presentes no jeito de viver e celebrar a fé (Dap 56), o reconhecimento de suas ações dentro das comunidades e o incentivo ao lindo e desafiador trabalho da Pastoral Afro-Brasileira. Ao assumir o compromisso de aprofundar o processo de inculturação, é possível ajudar a igreja a avançar, significativamente, na caminhada de um diálogo mais que proveitoso, explorando a riqueza inesgotável de que dispõe, abrindo

a possibilidade de acolher também o que os afrodescendentes têm a oferecer (BOAVENTURA, 2012). Dessa forma:

A Igreja, com a sua pregação, vida sacramental e pastoral, precisará ajudar para que as feridas culturais injustamente sofridas na história dos afro-americanos, não absorvam nem paralisem, a partir do seu interior, o dinamismo de sua personalidade humana, de sua identidade étnica, de sua memória cultural, de seu desenvolvimento social nos novos cenários que se apresentam (DAp 533).

Soares (1993) afirma o que o povo negro celebra é comum a toda liturgia, pois em toda celebração, Jesus Cristo está no centro. Se Ele é o princípio e o fim de todas as coisas, numa linguagem afro, “Ele é o Antepassado maior”, ao permitir a cada liturgia celebrar seu nascimento, morte e ressurreição. Ele tomou sobre si toda sorte de dor, de discriminação, de preconceito, de racismo e superou-os. Dele, a comunidade recebe vida que não morre jamais e é Nele que ela encontra forças para lutar contra todos esses males. É assim que a comunidade negra, no sangue derramado de Cristo, encontra presente o sangue de Zumbi dos Palmares, da escrava Anastácia e de todos os mártires da causa negra, contribuindo na sua ação profética para realização dinâmica do Reino de Deus.

4.3 O papel do negro e da negra no Brasil por meio de seu engajamento na luta pela emancipação Teológica.

A Teologia Negra é a teologia que impõe ao teólogo e à teóloga negro(a) a necessidade de refletir sobre o sentido de ser negro(a) ante a mensagem do cristianismo, em um contexto de opressão que foi ocasionado pelo processo de cristianização que a igreja americana impôs aos escravos. “A teologia negra está, assim, relacionada com a experiência desumana do *racismo estrutural*” (GIBELLINI, 2002, p. 383).

Essa constatação impõe sobre a Teologia Negra brasileira um desafio nessas primeiras décadas do século XXI:

(...) fomentar uma hermenêutica Teológica Negra em igrejas que, a despeito da forte presença afrodescendente, demoniza a cultura africana e afrodiáspórica? Essa realidade também nos mostra que a simples presença de pessoas negras em uma determinada denominação religiosa não garante uma reflexão crítica que correlacione a mensagem cristã às questões existenciais de sua época, visto que o racismo estrutural condiciona os sujeitos a reproduzirem a hermenêutica

dominante do grupo que possui os poderes políticos e econômicos (ANDRÉ, 2020, p. 75).

É contra essa situação que negros e negras no Brasil, mas também pelo mundo, tem se rebelado ao longo da história e observamos, por exemplo, os movimentos surgirem como o “, Movimento Negro Unificado, Frente Negra Brasileira, Pastoral Afro, Vidas Negras Importam” aqui no nosso país, como pelo mundo afora. O caminho? Creio que nós precisamos “aquilombar²⁸ as lutas para derrotar este sistema”. Partimos da reflexão teológica, do ponto de vista formal que procura apontar luzes bem como possibilitar que o fenômeno religioso, mediante as celebrações litúrgicas e ou grupos de reflexões/partilhas, possa contribuir para uma formação humana integral.

É com o surgimento da Teologia Negra²⁹ no século XX, que vemos o resgate das comunidades negras com as divindades. Teólogos negros e negras assumiram a necessidade de falar a partir de sua etnia, da denúncia das estruturas racistas da igreja, da sociedade e do anúncio da experiência negra como critério para o fazer teológico.

Essa Teologia Negra no Brasil só pode ser entendida a partir da leitura do quadro social que lhe serviu de pano de fundo que formulou sua reflexão. Argumenta-se que a partir da grande riqueza dos negros e negras para forjar a cultura brasileira, é possível dar visibilidade ao valor e a contribuição dos negros e negras para a formação cultural do Brasil. Possa também avançar no respeito e valor aos negros(as) de modo que os sofrimentos já vividos sejam extirpados. É bom lembrar que o limite da presente investigação não cabeira se fôssemos relatar tantos testemunhos de pessoas negras com o seu rico contributo para formação da sociedade brasileira com a sua deslumbrante miscigenação.

Podemos relatar alguns exemplos de negros ou negras que lutam ou lutaram em vista de uma emancipação, casos como a mulher líder quilombola Zeferina (1826), sinônimo de resistência e liberdade que dá nome a conjunto habitacional do subúrbio ferroviário de Salvador. Essa mulher liderou a população local num levante contra o

²⁸ “O aquilombamento é uma necessidade histórica, é um chamado, uma reconexão com nossa ancestralidade para atuar no presente, é construir esperança, é construir força, é construir sonho, é construir um futuro melhor!” ver mais em: <https://revistaforum.com.br/opiniaio/2019/4/29/tempo-de-se-aquilombar-55485.html>

²⁹ Ela crê que todos os seres humanos foram criados para a liberdade, e Deus sempre fica com os oprimidos e contra os opressores. (CONE, 2020a: 63).

ataque de tropas policiais ao quilombo. (ENCICLOPEDIA NEGRA, 2021)³⁰, ou também ressaltar a pessoa da escritora Carolina Maria de Jesus, mulher negra e artista emancipada, símbolo de resistência e de luta política e cultural para o país (IMS – Instituto Moreira Salles, 2021)³¹.

Entendemos que o ponto de partida para se responder a essas perguntas vem do Concílio Vaticano II (1962 – 1965), considerado marco de uma abertura teológica da Igreja para o mundo. No século passado a Conferência de Puebla (1979), sugeriu que a Igreja assumisse o compromisso para com os negros, e afirmava que “ali era visto também o rosto do cristo sofredor” (DP p.34). O documento *Ecclesia in América* (1992) também ajuda a reforçar esse compromisso e lança um desafio para a formação de agentes de pastoral, que é fazer com que possam utilizar os métodos já legitimamente inculturados na catequese e na liturgia (DSD n.249).

Outro meio onde o negro(a) pode desenvolver seu protagonismo, se dá por de uma leitura e percepção da inserção do negro(a) enquanto sujeito atuante e integrante com um lugar comum de fala na Igreja, na sociedade e nas comunidades religiosas onde estão inseridos. Dessa forma podemos apontar a importância da representatividade negra nos espaços da sociedade, através da consciência do seu lugar de fala (RIBEIRO, 2017) e da necessidade do encontro e do diálogo intercultural na construção de novos conhecimentos que visem o enfrentamento ao racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), apontando caminhos para um melhor reconhecimento de pertença e do valor do negro para a sociedade.

Percebemos os avanços e desafios para se efetivar um protagonismo negro(a) no Brasil, mas também é notório o quanto existem de personalidades, passagens históricas e obras relacionadas à cultura afro-descendente (brasileira) que, se conhecidas, mudarão a perspectiva que temos sobre o povo brasileiro, de modo particular os negros e negras, e que foram construídas com explícita “parcialidade e má fé pela historiografia oficial”. Citamos aqui como exemplo de avanços a “Enciclopédia Negra”(2021) que reúne 416 verbetes biográficos, individuais e coletivos, a partir da experiência afro-atlântica de cerca de 550 personagens já falecidos. Se assim compreendemos, que a historiografia é forjada a partir da ótica do escravagista e não de quem é vítima da escravidão, a partir do

³⁰<https://portal.iteleport.com.br/tour3d/pinacoteca-enciclopedia-negra/fullscreen/> ou PDF 'Enciclopédia negra: Biografias afro-brasileiras - Flávio dos Santos Gomes' - Ler Online | Livraria Pública (livrariapublica.com.br)

³¹ <http://34.bienal.org.br/exposicoes/7439>

olhar teológico, se faz urgente entender que cada ser humano deve ser respeitado pelo simples fato de existir.

Outro fato inovador é o IBGE (2022) fazer sua primeira pesquisa em territórios quilombolas³², aproximadamente 6 mil comunidades serão visitadas. É a primeira vez na história do Brasil que essa população será recenseada como pertencente a um “grupo étnico, dotado de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão historicamente sofrida”, podendo assim mostrar sua participação na construção da história desse país e ser respeitada como se deve.

4.4. Algumas personalidades que se destacam ou destacaram na disseminação de uma Teologia Negra no Brasil.

Falar de pesquisa ou estudo da Teologia Negra no Brasil nunca será um assunto que se possa dar por encerrado, principalmente se olharmos suas reais perspectivas bíblica, histórica e eclesiológica envolta as realidades vivenciais quando do enfrentamento ao racismo estrutural, sobretudo ao encontrar nas religiões de matriz africana e no cristianismo como um todo um problema comum como o racismo estrutural. Seus desdobramentos contemporâneos, abrem fendas profundas para uma nova discussão que conclui que esta teologia vem em contrapartida as injustiças raciais compreendidas como pecados, que acaba desencadeando em outros problemas que sempre tem como raiz o racismo estrutural ao longo da história (SILVA, 2021).

Por isso, que teólogos e teólogas da Teologia Negra, entenderam que para se construir e desenvolver uma teologia do povo negro que fale de Deus, e que ao mesmo tempo aponte para as contradições e violências de uma “teologia da branquitude”, precisam dialogar tendo sempre como base a Sagrada Escritura ponto de partida, mas também valendo-se de uma intelectualidade negra cuja contribuição para as ciências sociais, a filosofia, o teatro, a antropologia, a sociologia, a literatura, também forneceu para a Teologia Negra um importante referencial de interpretação de mundo. Como também afirma Pacheco:

Desta forma, estou, neste ponto, defendendo que uma Teologia Negra brasileira não pode prescindir daqueles e daquelas que formam o que seriam nossos “ancestrais” do pensamento. Intelectuais – seja das

³²<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2022/08/17/ibge-inicia-censo-em-territorios-quilombolas.htm>

ciências ou das artes/literatura, ou mesmo da oralidade – que nos legaram não apenas uma compreensão de Brasil, mas uma compreensão de Brasil profundamente afetada pelo regime escravocrata, pelo tipo de colonialismo que se desenvolveu aqui, que não pode ser visto apenas como um detalhe histórico do passado (PACHECO, 2019, p. 154).

Não se pode falar e dialogar sobre Teologia Negra brasileira em tempos hodiernos sem que alguns nomes estejam ausentes na contribuição de uma interpretação coerente ao se fazer Teologia Negra no Brasil. Como já dizia o mestre Abdias do Nascimento, “a raça negra no Brasil precisa contar com seus próprios analistas e teóricos, para elaborar o juízo crítico do acervo que os africanos nos deixaram” (PACHECO, 2019, p.142). E podemos afirmar com toda certeza de que os temos em grande proporção.

Partindo dessa premissa, Teologia Negra brasileira aqui se faz com, teólogo Pe. Antônio Aparecido da Sila; Dom José Maria Pires; Clovis Moura, historiador, sociólogo; Lélia Gonzáles; Sueli Carneiro; Milton Santos; Abdias do Nascimento; teólogo Ronilso Pacheco, Dom Pedro Casaldáliga, Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra), Dom Heder Camara, Marcos Rodrigues da Silva, teólogo e cientista da religião; Djamila Ribeiro; Carolina Maria de Jesus, escritora e poetisa; teóloga Ivone Gebara; teóloga Sílvia Regina de Lima; teóloga Cleusa Caldeira, negra, feminista e tantos outros. Não nos prenderemos a uma linha cronológica, muito menos em grau de importância, apenas apontaremos personalidades que achamos ser de bom destacar.

Primeiramente sugiro ler e conhecer a vida e obra do Pe. Antônio Aparecido da Silva (1948-2009), carinhosamente chamado de “Padre Toninho”, se destacou por sua grande contribuição na Igreja Católica e na educação. Foi diretor da Faculdade de Teologia PUC-SP, onde organizou congressos internacionais sobre a Teologia Negra, um dos fundadores da Pastoral do Negro; por ter sido um dos grandes intelectuais da Teologia Negra no Brasil e fundador do Grupo Atabaque de Cultura Negra e Teologia cujo objetivo é pensar, oferecer cursos, assessorias e subsídios aos grupos e comunidades comprometidas com a causa dos povos negros. Assessor e incentivador junto a CNBB, foi um dos maiores incentivadores das discussões em torno de uma atenção pastoral à questão negra, esteve presente na criação dos Agentes de Pastoral Negros (APNs) em 1983, lutou pela visibilidade e pelo combate ao drama do racismo nas assessorias que prestou ao episcopado durante as Conferências de Puebla e Santo Domingo, e foi principal liderança e articulador da Pastoral Afro da CNBB.

Outra personalidade que deve se ler é Clóvis Steiger de Assis Moura (1925-2003), pensador negro e comunista, foi sociólogo, jornalista, historiador e escritor brasileiro. Se

destacou nos estudos sobre o negro na estratégia da luta de classes no Brasil. Entender como ele trata e explica essa “modernização em cima de uma estrutura social escravista, que criou condicionamentos das classes dominantes brasileiras e de inúmeros dos seus seguimentos sociais” (MOURA, 1988, p.27), é fundamental para se compreender a formação da sociedade brasileira. Ele deixou uma rica e minuciosa produção sobre a forma de viver da população negra brasileira e, como se deu a entrada do país na onda capitalista e republicana, modelando o formato escravista da vida social e institucional (PACHECO, 2019).

Falar de mulheres fortes e a frente de seu tempo é falar de Lélia Gonzáles (1935-1994), outro nome destes fundamentais para pensar na organização da Teologia Negra no Brasil. Mineira de Belo Horizonte, foi uma intelectual, autora, política, filósofa e antropóloga brasileira. Foi pioneira nos estudos sobre Cultura Negra no Brasil e co-fundadora do Instituto de Pesquisa das Culturas do Rio de Janeiro, do Movimento Negro Unificado (MNU). Pacheco afirma que ela inclusive “facilita a articulação junta a Hermenêutica Bíblica Negra Feminista, a Teologia Mulherista”. Segundo ele, Leila pensa não apenas as violências e as artimanhas do racismo, sobretudo ao falar da dialética entre a ‘consciência e a memória’, mas também o lugar de fala da mulher negra na sociedade brasileira (PACHECO, 2019, p.159).

Outro personagem que traz uma enorme contribuição na história do povo negro é Abdias do Nascimento (1914-2011), foi ator, poeta, escritor, professor, político. Fundou em São Paulo no ano de 1981 com a ajuda de Dom Paulo Evaristo Arns, o Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros(Ipeafro). Teve uma grande trajetória construída nas artes cênicas com a criação do Teatro Experimental do Negro, destaque para a publicação em 1978, de “genocídio do negro brasileiro”. Esta obra foi considerada um dos maiores modelos de mapeamento das estratégias empreendidas no Brasil, ao longo de sua história, mostrando como se deu o desaparecimento da população negra. Processo que se deu pelo extermínio direto ou pelos processos de “branqueamento” da população negra e sua cultura.

A partir do trabalho de Abdias, que denuncia uma espécie de “proibição” do debate sobre raça no país, pode-se fazer uma ligação com a teologia. Olhemos para as barreiras e críticas que a Teologia Negra enfrenta no Brasil, onde quer que chegue encontra sempre uma resistência com as mesmas resistências e desconforto causados pelo debate racial apontados por ativistas e intelectuais negros no Brasil contemporâneo como afirma o próprio Abdias:

Em verdade, em verdade, porém, a camada dominante simplesmente considera qualquer movimento de conscientização afro-brasileira como ameaça ou agressão retaliativa. E até mesmo se menciona que nessas ocasiões os negros estão tratando de impor ao país uma suposta superioridade racial negra... qualquer esforço do afro-brasileiro esbarra nesse obstáculo (NASCIMENTO, 1978, p.78).

Um grande legado nos deixou Dom José Maria Pires, (1919-2017), primeiro Bispo negro do Brasil, grande defensor das causas afrodescendentes. Carinhosamente chamado de “Dom Zumbi” foi padre conciliar e lutou muito por uma liturgia inculturada e a relação/diálogo com as religiões de matrizes africanas, em particular uma aproximação com o Candomblé.

Acreditamos cada vez mais fortemente que é possível o negro ser discípulo de Cristo e viver na Igreja sem deixar de ser negro, sem renunciar à sua cultura, sem ter de abandonar a religião dos Orixás que, como o judaísmo, poderá deixar-se impregnar da mensagem de Jesus Cristo (PIRES, 1997, p. 31).

Dom José Maria Pires também atuou na Pastoral Afro-Brasileira e do movimento dos padres e bispos negros. Deixou alguns escritos como o livro “O Deus da vida nas comunidades afro-americanas e caribenhas”, aprofundando o tema sobre ecumenismo e macro-ecumenismo, a partir das culturas e religiões de origem africana (ATABAQUE, 1997). Pires então, desenvolve algumas reflexões a cerca dessa correlação macro-ecumênica, partindo do princípio de que o “Espírito sopra onde quer e não fica preso aos limites das instituições eclesiais” (PIRES, 1997, p. 18).

Ele argumenta em outro trecho do livro sobre a correlação de culto aos antepassados presentes no catolicismo e no candomblé, santos e orixás, mas ressalta que existe limites dessa correlação, ao apontar a necessidade de se conservar as distintas identidades desses objetos de culto.

Um teólogo que muito foi citado neste trabalho é o Teólogo e pesquisador negro Ronilso Pacheco, de 44 anos, que dentre outros escreveu o livro “Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito” (2019). Almeida vai afirmar sobre o livro: ele descreve a teologia negra como a manifestação dos oprimidos e marginalizados, bem como dos sobreviventes das perseguições e humilhações suportadas em razão do racismo”(ALMEIDA apud PACHECO, 2019, P.11).

Esse ativista, escritor e teólogo, Ronilso Pacheco, afirma que, através de uma Teologia Negra, é possível compreender as relações entre racismo, escravidão e cristianismo em tempos hodierno, também é uma forma de denúncia das grandes denominações religiosas tem sido convenientes com a violência sofrida por pessoas

negras e pobres das periferias de grandes cidades. Em seus trabalhos ele aponta para uma hermenêutica teológica negra pré-existente no Brasil do século XIX. Outra categoria apropriada é a teoria decolonial em sua hermenêutica, que trabalhou no seu artigo “A Teologia Negra no Brasil é decolonial e marginal (2017)”.

Não poderíamos terminar esse capítulo sem fazer menção ao filósofo, professor e advogado negro Silvio Luiz de Almeida (1976), atual Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil. Grande ativista na luta contra o racismo, é responsável por “popularizar o conceito de racismo estrutural”(proposto desde os primeiros estudos raciais críticos oriundos dos anos 1960), publicando entre outro o livro “Racismo Estrutural (2019).

Teríamos aqui ainda muitos nomes, Dom Zanoni Demettino Castro, Arcebispo de Feira de Santana (BA), atual referencial para a Pastoral Afr-Brasileira na CNBB; Padre José Enes de Jesus, coordenação Nacional da Pastoral Afro-Brasileira; Padre Luiz Fernando de Oliveira, representante da Pastoral-Afro em São Paulo; Maria Cândida, Valéria, Cida Godoy e Eunice, coordenadoras da Pastoral-Afro na Paróquia Nossa Senhora Achiropita/SP, a mais de 30 anos desenvolve celebrações puramente inculturadas, com elementos da cultura negra como: missa inculturada, cerimônias de batismo e casamento afro, além da tradicional festa de São Benedito e a Festa da Mãe Negra.

Conclusão

Procuramos de forma breve apontar marcos referenciais que ajudem a pensar a realidade brasileira a partir de um “pensamento negro”, ou seja, de perspectivas que vão desde leituras e vivências da negritude, e que possibilitando uma melhor compreensão de nossa história e desigualdades. Diante disso afirma Pacheco: “qualquer teologia que se faça no Brasil (como em qualquer lugar) é infrutífera se acha possível “teologizar” de costas para a própria realidade social e cultural que influencia. Muito menos ainda é uma possível Teologia Negra” (PACHECO, 2019, p.160).

O capítulo em questão abordou a vida do negro(a) na sociedade contemporânea sua relação com a teologia, cultura, bem como os desafios de como se autoperceber no universo cultural brasileiro. A reflexão teológica abordada tem como base a realidade do povo negro compreendido na pluralidade religiosa que nos desafia a pensar essa experiência de fé no contexto brasileiro.

Espera-se que, com isso, possamos apontar a importância da representatividade negra nos espaços da sociedade, através da consciência do seu lugar de fala e da

necessidade do encontro e do diálogo intercultural na construção de novos conhecimentos que visem o enfrentamento ao racismo estrutural, apontando caminhos para um melhor reconhecimento de pertença e do valor do negro para a sociedade. De modo que o respeito de sua dignidade, bem como os seus genuínos direitos de seres humanos, seja respeitado e valorizado.

Para tanto, entende-se que partindo de todos os brasileiros mediante a oferta de uma educação de base para as crianças a meta de uma mudança cultural seja alcançada. De modo que para mudar uma cultura além de ser tarefa de uma aldeia ou comunidade, vai toda uma geração.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teologia Negra surge, pois, da tentativa de compreender, por um lado, a identidade da comunidade negra, em sua maioria cristã, e, por outro lado, a compatibilidade entre ser negro(a) e cristão, no seio de uma sociedade branca, cristã, patriarcal e racista. “Fulcral para o nascimento da teologia negra é a afirmação da humanidade negra e a emancipação do racismo branco, sem os quais não pode haver autêntica libertação, tanto para os negros quanto para os brancos” (CONE, 1986, p. 123).

Ela assume também com o pensamento antirracista o seu papel na sociedade hodierna, e é nesse universo que sua prática teológica deve expandir, seu modus operante de ser uma Igreja em que a comunidade compartilha sua vida (dores e sofrimentos), e encontra nos Evangelhos seu lugar, porque aí encontra em Deus seu maior auxílio, no caso Teologia Negra será de fundamental importância nesta perspectiva eclesial e pastoral, pois na Igreja Particular em cada vida, podemos encontrar viva a Igreja Comunitária, sem distinção, mas um mesmo corpo na perspectiva cristã.

Com este trabalho entendemos ajudar “positivar a cartografia subalternizada”, para assim quem sabe, tirar da invisibilidade o mundo negro, quer na sua teologia, na cultura e arte, e ao mesmo tempo, promover uma fissura no discurso hegemônico que naturaliza a inferioridade negra e a sua superioridade branca.

Entendemos aqui lançar luzes na invisibilidade o ato de apontar as lutas e resistências afro-diáspóricas que para nós é também colocar em marcha uma reestruturação do mundo. Com efeito, tematizar a existência de uma Teologia Negra já constitui em si um ato de resistência e subversão e evidentemente de descolonização.

Diante do permanente processo de desumanização a qual a população negra é submetida, a Teologia Negra emerge para denunciar a impossibilidade de falar/imaginar o advento da nova humanidade, discurso central do cristianismo, sem considerar a exclusão ontológica e epistêmica de uma porção considerável da humanidade que foi reduzida a sub-humanidade por meio do racismo.

Portanto a pesquisa ou estudo da Teologia Negra não se dá aqui por encerrado, mais tendo como as suas reais perspectivas como bíblica, histórica e eclesiológica engloba todas as realidades no campo vivencial no enfrentamento ao racismo, quando encontra nas religiões de matriz africana e no cristianismo como um todo um problema em comum como o racismo estrutural e seus desdobramentos contemporâneos, que abre fendas para uma nova discussão que conclui que esta teologia vêm em contrapartida às injustiças

raciais compreendidas como pecados, desencadeando, cada vez mais, outros problemas tendo como raiz o racismo no decorrer dos fatos.

O presente trabalho mostrou a importância e o papel da Teologia Negra no Brasil e que a mesma é um caminho de reflexão possível a qual pode ajudar na libertação da população negra dos grilhões do racismo estrutural, uma dor referente a todo negro e negra que encontra nas Sagradas Escrituras um Deus Libertador que se compadece de suas dores e sofrimentos, despertando assim na sociedade negra a luta contra o racismo e formando uma consciência antirracista, que reconhece através desta teologia a sua própria liberdade na reconciliação com Deus.

A partir da Teologia Negra vemos que ela elabora um discurso resultante de uma hermenêutica que correlaciona a Bíblia, a tradição teológica e a história e cultura negra, que Cone vai chamar de “relação transobjetiva”. Ao dialogar com outras narrativas engajadas contra a opressão, onde a Teologia Negra insere a própria Bíblia, ela amplia seu horizonte hermenêutico evitando o risco de se cair num subjetivismo, identificado como uma característica do pensamento eurocêntrico.

A nossa contribuição com este trabalho parte de um olhar reflexivo à ciência a partir das contribuições que advém de histórias vividas pelo povo africano e na diáspora brasileira quer na sua forma particular de ser, quer de saber e estar em meio às adversidades milenares, extraíndo de seus saberes possibilidades que abram caminhos, transportem barreiras, (re)criar o novo sempre. Para tanto, é necessário buscarmos uma resposta à seguinte questão: Teologia Negra no Brasil é uma reflexão possível?

Pelo que pudemos discernir nos textos, obras, relatórios de alguns autores, teólogos que se debruçaram sobre o tema Teologia Negra, parece haver na prática deles de que sejam necessários mais dinamicidade, flexibilidade e engajamento aos desafios que estão no dia a dia da comunidade negra.

Assim, na leitura dos textos desse trabalho constatamos que uma leitura crítica-propositiva que leve a uma reflexão está presente e advém das várias áreas com muita ênfase conforme Ezequiel afirma:

O olhar do(a) teólogo(a) deve estar voltado para as comunidades negras que, em sua maioria, se encontram fora das Igrejas (principalmente tradicionais). Com isso, essas comunidades não precisam da legitimação dos dogmas, da tradição das Igrejas cristãs ocidentais, das teologias por elas fabricadas para justificar que a experiência de sua “fé cristã” é verdadeira. O significado maior da Teologia Negra, no contexto brasileiro, deve surgir do interior da própria comunidade, que julga se algum conceito é ou não verdadeiro. Portanto, não é necessário que nos

apoiemos em documentos que, no passado legitimaram a opressão e a escravidão dos povos negros nas Américas. E ainda, o que fundamentará a nossa teologia não serão os escritos acadêmicos, elaborados nas salas fechadas dos seminários ou das faculdades teológicas (católicas e protestantes) (ANDRADE, 1998, p. 83).

Cone (1985) apresenta também uma reflexão a luz de uma Teologia Negra, uma crítica ao modelo de interpretação bíblica que não considera os contextos sociais; na qual o teólogo(a) teria como função, um fazer exegético que leve em consideração o tempo hodierno, que dê a ele a responsabilidade de trabalhar com uma teologia capaz de dar respostas às necessidades da sociedade.

Nessa possibilidade de uma reflexão que envolva a Teologia Negra, vimos que a mesma só é possível a partir da perspectiva onde exista uma hermenêutica (antirracista) e facilitadora do diálogo com a diversidade cultural, e a qual conceba um pluralismo religioso e a diversidade cultural como possibilidades de se pensar uma hermenêutica de resistência e alternativa, tendo como ponto de partida o pensamento de James Cone.

Por fim, podemos afirmar categoricamente que é possível uma reflexão da Teologia Negra no Brasil pois, entendemos que ela é uma reflexão crítica dos cristãos negros(as) sobre o seu envolvimento histórico na luta pela libertação dos negros. Como afirma Cone (1985), a Teologia Negra é uma teologia de libertação negra, que visa observar o modo de ser negro(a) à luz da revelação de Deus em Jesus Cristo, levando a comunidade negra perceber que o evangelho é congruente com a realização da humanidade negra.

Concluimos afirmando que a obra de James Cone e demais teólogos(as) negros(as), é um chamado a reflexão das relações sociais e estruturais nos tempos hodiernos, como também uma crítica forte da teologia cristã, abrindo espaço inclusive para discussões de outras pautas sobre as quais a igreja não deveria silenciar, visto que faz parte de sua missão neotestamentária reunir os oprimidos da terra. Uma vez que a Teologia Negra não é tolerante com a discriminação racial, nem mesmo com qualquer outra forma de opressão contra os negros(as), todas devem ser entendidas como anticristãs e, com certeza, contrárias à vontade de Deus e ponto final. Assim sendo, as obras ligadas à Teologia Negra apresentam um desafio enorme também aos teólogos e teólogas negros(as) brasileiros(as) que “achar que no Brasil não há conflitos raciais diante da realidade violenta e desigual que nos é apresentada cotidianamente beira ao delírio, à perversidade ou à mais absoluta má-fé” (ALMEIDA,2019, p.133). E, deste modo, assim

como Cone os demais teólogos não nos chama a contemplar o *status quo*, mas um chamado para a libertação de um povo negro de qualquer forma de opressão. Podemos, desse modo, sinalizar que foram encontrados sinais pertinentes para reflexões de uma teologia e um pensar teológico negro.

6. REFERÊNCIAS

PRIMÁRIAS

CONE, James. **O Deus dos Oprimidos**. São Paulo: Paulinas, 1985.

GIBELLINI, Rosino. **A teologia do Século XX**. Trad. João Paixão Netto. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GOMES, Flávio dos Santos; LAURENTINO, Jaime. SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **Enciclopédia negra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Papa Francisco. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

PACHECO, Ronilso. **“Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito”**. Brasília: Novos Diálogos; São Paulo: Editora Recriar, 2019.

WILMORE, Gayraud S.; CONE, James. **Teologia Negra**. São Paulo. Paulinas, 1986.

SECUNDÁRIAS

ANDRADE, Charlisson Silva de. **Teologia em perspectiva afrodiáspórica e antirracista : uma análise do potencial correlativo entre a teoria decolonial e a teologia negra da libertação**. 2020. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020.

ALMEIDA, Silvio Luiz. **“O que é racismo estrutural?”** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ANDRADE, Ezequiel Luiz de. **Existe um pensar teológico negro?** In: SILVA, Antônio Aparecido da. (Org.). **Existe um pensar teológico negro?** São Paulo: Paulinas, 1998.

SILVA, Antônio Aparecido da. **Comunidade negra: 500 anos de resistência**. In: ZWETSCH, Roberto (Org.). **500anos de invasão, 500anos de resistência**. São Paulo: Paulinas/CEDI, 1992. p. 179-198.

_____. **Desafios teológico-pastorais a partir da causa dos afro-americanos**. In: BRANDÃO, Carlos (Org.). **Inculturação e libertação : semana de estudos teológicos CNBB / CIMI**. São Paulo: Paulinas, 1986.

ATABAQUE/ASETT. Apresentação. In: SILVA, Antônio Aparecido da (Org.). **Teologia Afro-americana: II Consulta Ecumênica de Teologia e Culturas Afro-americana e Caribenha**. São Paulo: Paulus, 1997.

ARAÚJO, Jurandyr Azevedo. **II Seminário de Teologia da Pastoral Afro-brasileira: Um olhar sobre a caminhada da Pastoral Afro-brasileira da CNBB (PAB/CNBB) 2010** (Texto gentilmente cedido pelo autor).

_____, Jurandyr Azevedo. **Compromisso da Pastoral Afro-brasileira. Decênio Internacional para os Afrodescendentes (2015-2024)**. 2015

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2015.

Bíblia do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2011.

BOAVENTURA, Josuel dos Santos. **O pensar teológico numa perspectiva afro-americana e caribenha. Identidade!**, São Leopoldo, v. 17, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: . Acesso em: 14 abr. 2018.

BUENO, Rogério Donizetti; JOÃO, Emiliano Jamba Antônio (Org.). **Teologia e Negritude: Os deslocamentos da Teologia a partir das experiências negra**. São Paulo: Recriar, 2019.

BOESAK, Allan. **Emergindo das selvas**. In: TORRES, Sérgio, FABELLA, Virgínia (Orgs.). **O evangelho emergente**. São Paulo : Paulinas, 1982. p. 105-126.

BBC.<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>. Acesso em 16/03/2021.

CELAM. **Conclusões de Medellín**. 2 Ed. São Paulo: Paulinas, 1975.

CNBB. Estudos da CNBB 85: **Pastoral Afro-brasileira**: São Paulo. Paulus, 2002

_____**Puebla. A evangelização no presente e no futuro da América Latina**.7^a- ed. Petrópolis: Vozes,1987.

_____**Conclusões de Santo Domingo**. São Paulo: Paulinas, 1994.

_____**Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho**. Brasília: Edições CNBB, 2007.

CNBB. **Ouvi o clamor deste povo. Campanha da Fraternidade. CPP**, Brasília, 1988.

_____**Estudos da CNBB 85: pastoral afro-brasileira**: São Paulo. Paulus, 2002.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **A liturgia romana e a inculturação**. São Paulo: Paulinas, 1994.

CONSTANTINO, Carlos. **Estudo comparativo entre a Teologia Africana e a Teologia Afro-Americana**. Tese (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CONFERÊNCIA GERA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **DOCUMENTO DE PUEBLA**. São Paulo: Paulinas, 1979.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Campanha da Fraternidade 1988: Texto-base. Brasília: Edições CNBB, 1988.

COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. **Gaudium et Spes.** 4.ed. São Paulo: Paulus, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** 58 ed. – Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GAUDIUM ET SPES. Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje. 17. ed. Trad. Secretariado Nacional do apostolado da oração em Portugal. São Paulo: Paulinas, 2011.

LATOURELLE, René. **Teologia ciência da salvação.** São Paulo: Paulinas, 1981.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana.** São Paulo: Selo Negro, 2004.

LASCOSTE, J. **Dicionário crítico de Teologia.** São Paulo: Paulinas; São Paulo: Edições Loyola, 2ed. 2014.

OLIVEIRA, Ronan Lima Franco de. **O surgimento das afro-pastorais: estudo sobre teologias(s) negra(s) e algumas implicações pastorais no Brasil.** 2021. 148 f. Tese (Mestrado em Teologia) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SILVA, Marcos Rodrigues da. **Mulangos e Mulangas registram a possibilidade de uma Reflexão Teológica Afroamericana – Centro Atabaque – Teologia e Cultura Negra.** 2014.153f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Pulo, 2014.

SILVA, Antônio Aparecido; SANTOS, Sônia Querino (Org.) **Teologia afro-americana II: avanços, desafios e perspectivas.** São Paulo, 2004.

SILVA, Antônio Aparecido (Org.). **Existe um pensar teológico?** São Paulo: Paulinas, 1998.

SILVA, Antônio Aparecido da. **Elementos e pressupostos da reflexão teológica a partir das comunidades negras – Brasil.** In: _____. (Org.). Teologia Afro-americana: II Consulta Ecumênica de Teologia e Culturas Afro-americana e Caribenha. São Paulo: Paulus, 1997.

SILVA, Marcos Rodrigues da. **Mulangos e Mulangas registram a possibilidade de uma Reflexão Teológica Afroamericana – Centro Atabaque – Teologia e Cultura Negra.** 2014.153f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Pulo, 2014.

SANTOS, Leontino Faria dos. **Por uma Teologia Negra no Brasil**. CrossCurrents, v. 67, n. 1, p. 213-232, 2017. Disponível em: . Acesso em: 21 out. 2018.

SOUZA, Ezequiel de. **Desafios contemporâneos para a Teologia Negra no Brasil**. Protestantismo em Revista, São Leopoldo, v. 34, p. 92-104, maio/ago. 2014. Disponível em: . Acesso em: 14 abr. 2018.

SILVA, Renata Nogueira. **A festa da congada: a tradição ressignificada**. 26^a Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, Bahia. 2008.

SILVA, Rafael Evaristo da. **Teologia Negra: o libertar-se dos grilhões do Racismo**. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Teologia. 2021. Universidade São Francisco, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2020.

PIRES, Dom José Maria. **O Deus da vida nas comunidades afro-americanas e caribenhas**. In: SILVA, Antônio Aparecido da (Org.). **Teologia Afro-americana: II Consulta Ecumênica de Teologia e Culturas Afro-americana e Caribenha**. São Paulo: Paulus, 1997.

Sites internete.

Agência Brasil. Estudo expõe diferença de salários entre negros e brancos. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-12/estudo-expoe-diferenca-de-salarios-entre-negros-e-brancos-em-ongs>. Acesso em 16/03/2021.

O Globo. Brancos são maioria em empregos de elite e negros ocupam vagas sem qualificação. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/brancos-sao-maioria-em-empregos-de-elite-e-negros-ocupam-vagas-sem-qualificacao.ghtml>. Acesso em 16/03/2021.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instrução Geral do Missal Romano. n. 20. Disponível em: 122 <http://comsantateresa.org.br/website/images/textos/recursos/igmr.pdf>. Acesso em: 21 de jun. de 2012.

Valor Econômico. Desemprego entre os negros é 71% que entre os brancos, mostra IBGE. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/08/28/desemprego-entre-negros-e-71percent-maior-do-que-entre-brancos-mostra-ibge.ghtml>. Acesso em 16/03/2021.

LISBOA, Magno Da Nóbrega et al.. **As congadas e as coroações dos reis congos: festividades religiosas de matrizes culturais afro-brasileiras**. Anais V FIPED...

Campina Grande: Realize Editora, 2013. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/3779>>. Acesso em: 12/02/2023 10:36

Folha de São Paulo. A história do professor negro e antirracista que ensinou durante a escravidão. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2020/07/a-historia-do-professor-negro-e-antirracista-que-ensinou-durante-a-escravidao.shtml>. Acesso em 16/03/2021.